

Voices

NIKKEIS



R

Te

Como trazer os mais profundos sentimentos, sobre sua etnia ou etnia que admira, do fundo do seu coração para uma página em branco?

O Projeto Vozes Nikkeis nasceu com o propósito de estimular e literalmente dar voz às pessoas que gostam da cultura e dos valores nikkeis. Mas, antes de tudo, o que é nikkei? É a denominação em japonês para os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou para japoneses que vivem no exterior, mas também para todos os que gostam da cultura e valores japoneses, mesmo não sendo descendentes.

A antologia Vozes Nikkeis faz parte do Projeto Vozes Nikkeis, e convidou dezenas de pessoas a falarem com o coração, registrando em suas crônicas parte de suas histórias de vida ou até mesmo criando histórias. Reais ou não, as crônicas desta antologia estão cheias de vida e sentimentos, sendo impossível não se colocar no lugar das personagens ou não se emocionar.

Fernando Matsumoto

Membro da Comissão Organizadora
do Projeto Vozes Nikkeis

Vozes

NIKKEIS

Apoio do Consulado-Geral do Japão em São Paulo

Vozes **NIKKEIS**

 Associação Brasileira de Ex-Bolsistas
Gaimusho Kenshusei

 *Telucazu*
dições

Copyright © vários autores e autoras, 2021.

Edição: André Kondo

Organização: André Kondo, Fernanda Gushken e Fernando Matsumoto

Colaboração: Carol Ayako, Cláudia Nakazato, Cláudio Kurita, Ivan Nisida, Márcia Kamijo, Patrícia Murakami, Yoshio Yoshizane e Yuri Iwata

Capa: Lilian Souza de Araújo

Ilustração: Alessandro Fonseca

Revisão e diagramação: Telucazu Edições

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V977 Vozes Nikkeis [recurso eletrônico] / vários autores : organizado por André Kondo, Fernanda Gushken, Fernando Matsumoto. – Jundiaí, SP : Telucazu Edições ; Associação Brasileira de Ex-Bolsistas Gaimusho Kenshusei, 2021
104 p. ; PDF ; 2,5 MB.
Inclui índice.
ISBN 978-65-86928-24-2 (Ebook)

1. Literatura brasileira. 2. Crônica. 3. Nikkei. 4. Japoneses no Brasil. I. Kondo, André. II Gushken, Fernanda. III Matsumoto, Fernando. IV. Título.

2021-466

CDD 869.89928

CDU 821.134.3(81)-94

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: Crônica 869.89928
2. Literatura brasileira: Crônica 821.134.3(81)-94

Esta obra contou com o apoio do Consulado-Geral do Japão em São Paulo. Os direitos e responsabilidades sobre os textos são de seus respectivos autores e autoras. Versão impressa: ISBN 978-65-86928-22-8
1.ª Edição: São Paulo, Brasil, fevereiro de 2021.

Vozes Nikkeis é uma coedição da
Associação Brasileira de Ex-Bolsistas
Gaimusho Kenshusei e Telucazu Edições
www.gaimushobr.org | www.telucazu.com

Apresentação

A antologia Vozes Nikkeis faz parte do Projeto Vozes Nikkeis, que é uma realização da Associação Brasileira de Ex-Bolsistas Gaimusho Kenshusei (ABEBGK), com o apoio institucional do Consulado Geral do Japão em São Paulo.

A bolsa Gaimusho Kenshusei, existente desde 1965, é uma iniciativa do Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão. Esse ministério instituiu a bolsa destinada aos jovens líderes nikkeis dos países da América Latina e Caribe, para que tivessem a oportunidade de conhecer alguns aspectos e realidades importantes do Japão.

O Projeto Vozes Nikkeis nasceu da vontade dos ex-bolsistas de falar das suas incríveis experiências no Japão, vivenciadas durante a bolsa oferecida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros japonês. A ideia foi a de apresentar o Japão contemporâneo, sob a visão de brasileiros nikkeis, por meio de um painel transmitido pela internet. Nesse painel, mediado por Cláudia Nakasato, quatro ex-bolsistas de nossa associação, André Kondo, Fernanda Gushken, Patrícia Murakami e Yuri Iwata, juntamente com Ivan Nisida, ex-bolsista do Ship for World Youth Program, falaram sobre oito valores nikkeis, abarcados durante o Projeto Geração: Responsabilidade, Aprendizado, Integridade, Coletividade, Perseverança, Gentileza, Gratidão e Respeito.

Mas somente falar não foi o suficiente. Os ex-bolsistas, quando idealizaram esse projeto, queriam que as pessoas ouvissem, internalizassem os aprendizados e refletissem sobre tudo o que seria dito no painel.

Portanto, o projeto incluiu um workshop de criação literária, realizado no dia 16 de novembro de 2020. Nesse workshop, os ex-bolsistas André Kondo e Ivan Nisida apresentaram técnicas de escrita. Mas muito mais do que técnicas, estimularam a reflexão sobre os oito valores nikkeis e o que esses valores representam para cada um.

Todos os participantes, tanto os que assistiram ao painel quanto os que participaram do workshop, foram convidados a escrever textos que, caso tenham sido selecionados, estão nesta antologia.

Gostaríamos de pedir a todos aqui que façam desse Projeto Vozes Nikkeis um momento de aprendizado, reflexão e, principalmente, um momento de autoconhecimento. Esperamos que esse projeto marque todas as suas vidas, muito mais do que como simples leitores, mas como protagonistas de uma incrível jornada, que se iniciará na primeira crônica.

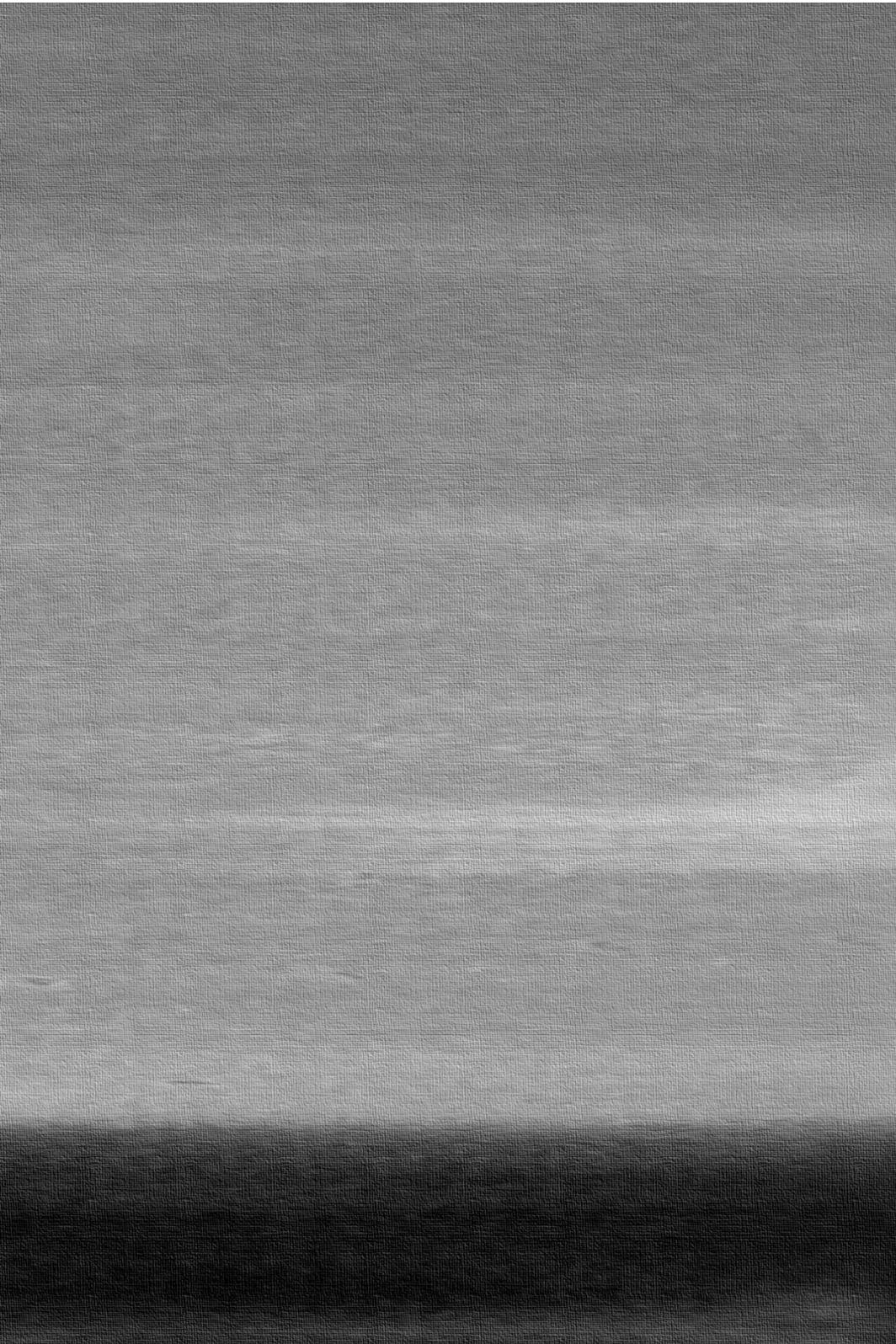
Aproveitamos para agradecer ao consulado, não somente pelo apoio a este projeto do qual estamos agora participando, mas por todo o apoio que tem oferecido a diversos outros projetos e iniciativas da Associação de Ex-Bolsistas Gaimusho Kenshusei.

Tério Uehara

Presidente da Associação Brasileira
de Ex-Bolsistas Gaimusho Kenshusei

Sumário

Apresentação — Tério Uehara	5
Flor de cerejeira — Agnes Nagashima.....	11
Ikigai —Alessandra Koga	14
雪_ (Yuki_) — Aline Y. D. Kubo.....	16
A música das gerações — Ana Paula Gushken	18
Nabos — André Kondo	20
Desabrochar de uma sansei —Andréa Goto	22
<i>Burajiru Ongaku no Bunka no Niron</i> — Antonio Tadachi ...	25
Paz — Cristiano Yuji Sasada Sato.....	28
Vai ficar tudo bem, só faça seu melhor — Cristina Sato.....	29
Carta ao antepassado — Danielle Nomura	32
O trampolim para a transformação — Douglas H. Kaizuka	34
Meu Primeiro Livro — Fernanda Gushken	37
Só mais um sopro — Fernando Matsumoto.....	40
O <i>mise</i> — Gabriel Yuji Nakashima	43
Bar Kimura — Henrique Yagui Takahashi	45
Paladar — Hudson Okada.....	48
O último <i>tsuru</i> — Igor Aoki.....	51
Em busca da letra perdida — Ivan Nisida	54
Minha <i>batian</i> do coração — Júlia Otsuka.....	58
Pequenos-grandes ensinamentos — Larissa Lumi Mada ...	60
Eternamente Estrangeira — Larissa Midory Sakamoto	63
<i>Buraku</i> -Eu-Nós — Leandro Silva.....	65
A Inundação da Vila de Totsukawa — Mario Takao Inoue .	68
A eterna criança em mim — Marisa Y. Hirano de Souza	71
A grande cama da minha mãe — Monica Masumi Hosaka	73
Os outros e os estranhos — Naomi Shiroma.....	76
O trem e a estatueta — Newton Itokazu.....	79
<i>Gochisō sama</i> e Ferreira Gullar — Oscar Nakasato	82
Gratidão por tanto, bachan — Patrícia Takehana	85
Carro Vermelho — Philipe Yoshio Tomaz Yoshizane	88
Mãe — Rosa Matsushita	90
<i>Udon</i> e Cuscuz com ovos — Simone Yuriko Kameo.....	93
Hanami Matsuri — Sonia Regina Rocha Rodrigues	95
Como contar uma história — Thais Kato.....	96
A dor do aprendizado — Thoshio Katsurayama	98
Gratidão — Yutaka Isoda.....	101





Flor de cerejeira

Agnes Izumi Nagashima

Estava no jardim regando o pé de cerejeira de mãos dadas com meu filhinho quando comecei a cantar “*arukou, arukou, watashi wa genki?*”. O emaranhado da memória de minha infância mergulhou em forma de notas musicais. Nos passeios com minha *baatian*, ela sempre cantava essa canção e animava a todos com sua energia, o passeio ficava mais leve e alegre. A música sempre esteve presente em nossas vidas, seja com meus pais cantando “*Kutsu ga naru?*” ou “*Tyuripu?*” como nas apresentações de karaokê em que íamos ver minha *baatian* se apresentar.

Isso me fez pensar como a cultura e tradição japonesas são admiráveis e por isso até hoje são passadas por gerações, detalhes vivenciados em nosso cotidiano. No ano novo, a primeira refeição é o *moti*, que representa união, os grãos de arroz ficam separados, mas se juntam nesse bolinho e atrai prosperidade, saúde e sorte no ano que se inicia. As conversas em família são em português misturadas com algumas em japonês no meio, uma linguagem só nossa, nikkei brasileira.

Quando criança, estudar no *nihongakko* e aprender japonês com a sensei. Fazer origami, tocar flauta, alimentar as carpas e cantar as músicas tradicionais. Ir ao *undoukai*, participar da corrida, bola vermelha ou branca ao cesto, cabo de guerra, divertir-se em equipe e ainda ganhar um prêmio. Dedicar-se na escola com integridade e perseverança com boas notas para orgulhar nossos pais e a nós mesmos para ter um bom futuro profissional.

Agradecer sempre com *arigatou* os presentes recebidos e quando for devolver o pote de comida, não

devolver vazio e sim retribuir a gentileza. Quando ganhamos algum doce, guardamos para chegar em casa e dividir com toda a família, um sentimento de coletividade, de desejar o bem a todos ao seu redor com gentileza. Muita admiração e respeito pelos meus pais e avós, aos nossos antepassados.

Também, um momento mágico era quando nos reuníamos para apreciar as delicadas flores da cerejeira e escutar as histórias contadas pelos avós imigrantes. Da longa viagem de navio do outro lado do mundo até o porto de Santos, do trabalho com o café e a dificuldade de manter a tradição e o ensino da língua de origem com muitos livros perdidos. Da casa com parede feita de palmito juçara e o piso de terra batida em que tinham que jogar água para não levantar poeira do chão. Da casa de madeira erguida por todos da família unidos ao novo lar. É um enorme aprendizado que reflete no que valorizamos e principalmente no que somos.

Meu *diitian* gostava de escrever haicais. Toda vez que escrevo algum, lembro-me dele e sinto um orgulho de também me reencontrar com ele nesta bela atividade que é escrever, ainda mais o haicai, que é uma fotografia do instante guardado em forma de palavras. Olhei para a *sakura* e já me veio uma composição:

*Luz do nosso dia
Tão pequena e delicada
Flor de cerejeira*

Despertei dos meus pensamentos quando meu filhinho me entregou uma flor:

— Mamãe, para você.

Ele sempre me presenteia com uma flor para me alegrar. Meu jardim estava com menos flores, mas meu coração está para sempre florido e completo. Agradeço com um beijo e um abraço bem forte e dançamos juntos no meio das pétalas de cerejeira.

Hoje sou eu que canto para meu filhinho. E toda vez que canto, as doces memórias afloram e sinto uma enorme emoção. São muitos valores e aprendizados transmitidos pelos meus ancestrais e vivenciados, que fazem parte de cada detalhe de minha vida. Muito respeito e amor por eles. Não dá para fugir do que somos, está dentro de cada um de nós esse sentimento delicado e belo como uma flor de cerejeira. Um orgulho de, mais do que ter os olhos puxados, ter todos esses valores no coração: sou gratidão e orgulho de ser Nikkei.

Ikigai

Alessandra Koga

Ikigai é uma palavra de origem japonesa sem tradução literal que muitas vezes é traduzida como “*por qual motivo você levanta da cama todos os dias?*”, ou seja: qual o seu propósito?

Pergunta profunda, vinda de uma palavra que caiu no gosto popular e até tema de livro e palestra de autoajuda já foi. Há quem diga que é de origem okinawana e que está ligada ao fato de que os okinawanos são um dos povos mais felizes do mundo.

Muitas pessoas quando passam a conhecer essa palavra passam minutos e até horas refletindo e tentando achar o *ikigai*. É como se estivessem procurando algo que estava perdido em meio a um emaranhado de sentimentos. O que não é de todo errado, se pensarmos que quando não sabemos para onde estamos indo, qualquer caminho serve.

Achar um propósito é entender o seu papel no mundo, no seu mundo interior e no mundo de quem o cerca. E aí, de repente, acontece. Acordamos um dia e junto com o primeiro gole de café na manhã gelada de inverno, ele vem. Naquele milésimo de segundo, você entende (quase) tudo.

Ser Nikkei no Brasil é deparar-se com questionamentos internos o tempo todo.

“Sou muito brasileira para ser japonesa? Sou muito japonesa para ser brasileira? Deveria ser mais igual a todo mundo? Ou deveria abraçar a minha orientalidade e agradecer por quem sou?”

Quando olho para quem eu sou e o que me trouxe até aqui, vejo um fio condutor invisível de valores e costumes que me conectam com algo muito maior do que eu possa imaginar.

Ao fazer um exercício de colocar a vida em perspectiva e compará-la a um mapa, é possível ver que ainda temos muito para explorar. Ver que a generosidade e a gentileza de pais e avós japoneses são valores que estão ligados a este fio condutor e que nos fazem honrar as nossas raízes e entender porque somos quem somos e estamos onde estamos.

Acredito que seja normal sentir-se perdido, como se tivéssemos sido colocados em um labirinto sem saída. Fato é que, com o passar do tempo, o zigue-zague vai dando espaço a um caminho reto e sem paredes que nos impede de chegar ao outro lado. E ao andar por esse caminho, nos damos conta de que não estamos sozinhos na multidão Nikkei no Brasil. Existem outros caminhando ao nosso lado e que compartilham dos mesmos valores e sentimentos. E que valorizam o que aprendemos a valorizar.

E é aí que temos talvez as respostas para algumas perguntas que pareciam indecifráveis. Ou então, é aí que adicionamos mais perguntas e saímos em busca das respostas.

Afinal: qual é o seu *ikigai*?

雪_ (Yuki_)

Aline Kubo

O kanji que meus pais escolheram pro meu nome, Yukimi, é 雪美, combinação dos kanjis de *neve* e *beleza*. Aos 25 anos, descobri que outro significado pra *yukimi* é *olhar a neve*, 雪見. O que era um sonho de criança, alimentado por muitas histórias que minha *batchan* me contava, acabou se tornando uma questão de identidade. Apenas meu *ditchan*, já falecido há muitos anos, costumava me chamar de Yukimi. Era muito importante que eu conhecesse a *Yukimi* sobre quem ele falava e a *Yukimi* que meus pais escolheram.

Embarquei no fim de fevereiro de 2018. Tudo era tão familiar, mas estranho ao mesmo tempo, como se olhar no espelho pela manhã e não se reconhecer nos primeiros segundos. Meu pai, já N1 e veterano de Japão por uns 15 anos, contava-me causos e regras, diferenças e semelhanças, durante a viagem de carro de Narita até sua casa. O inverno já abandonava as ruas de Tóquio, varrendo pras montanhas seus últimos cacos nas madrugadas de orvalho sob os postes de luz. Aos poucos, longe dos olhos de curiosos. A caminhada até Fuji-san era longa.

Alguém disse:

— Pode esquecer, não tem mais neve.

Como a maioria dos nikkeis, fui trabalhar em uma fábrica. O serviço não era fácil, mas não era em *bentôya*. Paletes de madeira precisavam ser empilhadas e caixas térmicas de *goban* acumulavam chuva. Se não se tomasse cuidado ao puxar uma do alto, você se encharcava com água embranquecida pelo resto do turno. Os outros brasileiros, tipos muito reconhecíveis. Afinal, nikkeis

vivem em sua própria dimensão e precisam uns dos outros nessa terra natal-estrangeira. Terra que os pariu a um oceano de distância. *Zangyou, yasumi, kyukei*. Palavras, como peças que me faltavam, foram se encaixando em mim pouco a pouco. Eu as recebi como parentes que há muito não via, com cafezinho e bolo de aipim.

Ao buscar uma palete na parte de fora do galpão, eu a avistei pela primeira e única vez. Em plena primavera, o ar se suspendeu. Por uma fresta entre carrinhos de ferro, pude vê-la pedindo licença, entrando timidamente. Ela também parecia confusa e hesitante. Afastei os ferros e plásticos e dei poucos passos em direção ao vão do prédio. A neve, caindo devagar, dava a impressão de se estar embaixo d'água. Não pude tocá-la. Apenas vê-la, admirá-la, de longe. Só o bastante. Um vento molhado se espalhou pelo cinza da construção e o silêncio ecoou vozes de meus antepassados com rostos embaçados. Naquele dia, entendi 雪美 e fui 雪見.

A música das gerações

Ana Paula Gushken

Uma tecla no piano, por mais bela que seja, dificilmente consegue criar sozinha uma grande composição musical. Todas as teclas juntas já conseguem, mas quando tocadas ao mesmo tempo, perdem sua individualidade e se misturam no emaranhado de sons. O que transforma uma composição em uma grande obra-prima é a harmonia de todas elas trabalhando juntas, cada uma no seu tempo, respeitando suas diferenças. Em alguns momentos, o conjunto de várias notas formam acordes e constroem um som inigualável. Em outros, uma nota pode se expressar sozinha, dando à composição um toque único.

Creio que nós nikkeis somos assim, como essas notas. Fazemos parte de uma música que há séculos está sendo composta pelos nossos antepassados e é passada de geração em geração. Somos também, nesse momento, os compositores, responsáveis por continuar a escrever novos versos para que a música continue a tocar. Assim como nós, as notas em uma composição nunca estão sozinhas, mesmo nos momentos solos. Estão sempre trabalhando juntas, em harmonia, tanto com seus contemporâneos, quanto com todas as notas tocadas no passado e no futuro. Essa harmonia é a essência da música, os valores da cultura nikkei.

Tão importante quanto os diferentes sons presentes na música, são os momentos de pausa... de silêncio... Por muito tempo não entendia a profundidade dessa ausência de som. Sempre fui mais quieta que muitos e achava que deveria ir contra os meus instintos e sempre preencher o silêncio com qualquer coisa que me vinha à

cabeça. Com o tempo percebi a riqueza e o poder desse silêncio. Na música, durante uma pausa, o tempo para... as notas ecoam em nossos ouvidos... e podemos apreciar ainda mais a beleza de toda a composição. São nas pausas que podemos refletir o momento em que estamos. Aprendemos com nossos antepassados e agradecemos pela obra iniciada por eles. Nesses momentos valorizamos sua essência e reconhecemos nosso papel na continuidade dessa composição. Com o passar das gerações, ela pode ter mudado de compositores diversas vezes e até ter ido do Japão para outros países, mas sua essência sempre estará lá, unindo todos ao redor de uma bela obra musical. A música das gerações.

Nabos

André Kondo

Quando eu era criança, detestava legumes e verduras em meu prato. Odiava o *daikon* (nabo) acima de todas as coisas. Meu pai se esforçava para botar comida em nosso prato. Se o salário era baixo, ele compensava a falta de dinheiro plantando o que podia no quintal. O nosso *batake* era uma horta bem cuidada, que tinha de tudo um pouco. O tudo significava legumes, verduras e nabos, e, para mim, isso não era pouco. Por menor que fosse a porção dessas coisas em meu prato, eu sempre achava que era muito.

Minha mãe dizia: “Olha que prato bonito... Tão colorido!”

Mas isso não me enganava. Esse colorido não era bem-vindo pra mim. Sendo assim, eu sempre fazia caridade, doando meus legumes e verduras para a minha irmã. Ao contrário de mim, ela gostava de tudo. Eu achava que ela era estranha por isso.

Um dia, meu pai colocou uma generosa (na visão dele) porção de nabos cozidos em meu prato. Fui comendo as coisas, comendo, comendo e deixando os nabos de canto. Ao final da refeição, lá estavam os pedaços de *daikon*, intocados. Meu pai não me xingou, não fez discurso de que há gente passando fome no mundo, que isso ou aquilo. Não disse nada.

No final de semana, ele me acordou bem cedo. “Hoje não tem escola”, eu disse. Não adiantou. Tive que acordar. Ao nascer do sol, meu pai me deu uma enxada com o cabo cortado, pra ficar de um bom tamanho para eu usar. Deu-me botas para proteger os pés. No quintal,

ele apontou para um pedaço em que ainda não tinha nada plantado. Ensinou como eu deveria empunhar a enxada, com cuidado. Trabalhamos juntos, preparando a terra.

Estava cansado, mas o trabalho ainda não tinha terminado. Após afoarmos a terra, preparamos as covas para introduzir as sementes. Depois, demos a primeira irrigada. Pensei que o meu trabalho havia terminado. Mas, ainda não.

— Filho, quero que você cuide desse pedaço de terra. Ele é seu. Todo dia, você terá que aguar e cuidar da sua plantação.

— A plantação é minha? – eu me senti importante.

Sim, era minha. Não era um trabalho fácil, mas eu me sentia tão forte quanto o meu pai. Chegava até a suar, capinando algumas ervas daninhas que cresciam na minha plantação. De sol a sol, trabalhei naquele pedacinho de terra. Um bom tempo de trabalho se passou, até o dia da colheita.

Colhi rabanetes, tomates e... nabos. Orgulhoso, lavei tudo e dei para a minha mãe preparar.

Sentados à mesa, meu pai me disse:

— Agora que você sabe o trabalho que dá para colocar comida no prato, se quiser, pode deixar o que quiser de lado, para jogarmos no lixo.

Olhei para o meu prato, a partir daquele momento, magicamente saboroso. E, começando pelos nabos, comi tudo, feliz com a colorida safra da vida, que meu pai havia me ensinado a plantar e a colher.

Desabrochar de uma sansei

Andréa Goto

Quando se é jovem acreditamos em superpoderes ou pelo menos que a invencibilidade existe.

Uma força que nos dá a capacidade de experimentar o novo sem medo, de peito aberto, lutar por algo que você julga ser capaz de realizar. Mesmo que isso envolva separação, isolamento, autoconhecimento e crescimento.

Aos 21 anos você já é capaz de discernir entre o certo e o errado, mas não consegue mensurar as consequências de suas atitudes.

Então por que não desbravar novos horizontes? Um grande desafio daqueles de enriquecer ou mudar completamente sua vida. Afinal minha avó sempre dizia, em sua crença xintoísta, que sempre somos capazes de seguir adiante independentemente dos obstáculos que tenhamos.

Primavera no Japão, tem hora melhor para chegar nesse país ancestral? Temperatura agradável e época das belas e famosas cerejeiras, aquelas que sempre encantaram os visitantes de todo o mundo. Igual àquelas que vi quando criança num parque de minha cidade. Diz a história que as primeiras mudas foram plantadas pela colônia japonesa local e que hoje se tornaram uma celebração comunitária.

Uau! Que lindo! Extasiada por tanta beleza.

À primeira vista é só encantamento em que você nem consegue apreciar direito tudo o que vê, mal absorve que está do outro lado do mundo.

De repente é chegada a hora de colocar a cabeça no lugar e seguir o planejado. Ver onde iria morar, procurar uma escola para aprender o básico da língua e conhecer o local de trabalho.

Passam-se os dias e você foca cada vez mais, naturalmente conforme aprende, desarquiva o que na verdade sempre soube. Porque cresceu ouvindo a língua japonesa.

As lembranças da infância onde sua *batiam* (avó) falava sobre como eram as coisas na terra onde ela nasceu, dos costumes, das pessoas e da comida, sempre despertaram o interesse, mas as épocas são muito distantes entre o que ela viveu na década de 30 e o caminho inverso que fiz na década de 90. Sessenta anos separavam essa experiência.

Mas se ela pudesse ver através de meus olhos, com certeza se assustaria ao mesmo tempo em que se orgulharia em perceber todas as mudanças benéficas daquele país.

A essência ainda estava lá, seu povo, com tudo o que ela contava. Eu viveria dia a dia o que ela ensinou. Em sua humilde educação, pois chegou ainda criança no Brasil junto com seus pais, não teve a oportunidade de frequentar uma escola.

O trabalho era duro, começava as 7h em ponto e só terminava meu turno por volta das 22h30. Exaustivo sim, mas infinitamente recompensador, saber que tinha feito minha parte naquela cadeia e que tudo estava em ordem, senso comum entre os japoneses, ser responsável, afinal, sua atitude compromete o outro.

Chegava em casa e arrumava tudo para o dia seguinte, tomava um chá enquanto estudava um pouco, afinal não é porque se tem cara de japonês que naturalmente falamos a língua. É necessária a perseverança para alcançarmos nossos objetivos.

Minha maior glória, sem dúvida nenhuma, foi quando pela primeira vez escrevi uma carta para minha *batiam* em *nibongo* (japonês), lembro da felicidade dela após recebê-la. Soube depois que ela havia mostrado para todos os conhecidos dela da associação que frequentava (*kaikan*), com orgulho da neta que sequer falava uma palavra quando saiu do Brasil. Emociono-me até hoje ao lembrar.

Uma pessoa que sempre foi grata por tudo o que tinha, que era a estrutura de nossa família, viúva com apenas 43 anos e quatro filhas para criar e que em sua pouca educação havia acumulado tanta sabedoria.

Assim aprendi o que era ser e o que era ter ascendência japonesa, como isso teve significado e quão importante se tornou para mim. Foram quatro curtos anos, muitos diriam que haviam sido longos, mas para quem procurava absorver ao máximo tudo sobre a cultura japonesa, foi um período curto e muito enriquecedor para o restante dos meus dias, passando adiante, agora para meus filhos *yonseis* (quarta geração de descendentes de japoneses) toda a minha experiência e toda a herança cultural deixada por nossos antepassados.

Burajiru Ongaku no Bunka no Niron

Antonio Tadachi

Os poetas, músicos, escritores e historiadores brasileiros cantam, expressam e comunicam a contribuição cultural do Sol Nascente para a construção de uma sociedade “Ipê Amarelo e o caminho do Bushido do sertanejo”.

E uma teoria dizia esquecer Machado de Assis, Guimarães Rosa e Clarice Lispector e todos os que escreveram o que quer seja com o objetivo de que cada qual, autor ou criador, possa compor o tipo, estilo de conto histórico, maravilhoso ou agradável, de que se sinta capaz. Nesse paradoxo, surgiu o querer, a vontade e a necessidade de contar histórias.

Tem um japonês no samba?

Na rádio incrível! Fantástica! Extraordinária! O mestre almirante falava em tom jocoso Minas Gerais, uai, uai! São Paulo, sai da frente! Rio de Janeiro, como é que é? Bahia, da gota serena! E tem japonês no samba!

As exclamações, mistura de ironia e suíngue, teriam o mesmo significado que o censor deu ao censurar o filme “Rio 40 graus”, a temperatura do Rio de Janeiro nunca ultrapassou os 39,6 graus.

E despertou no contista a indignação semelhante ao entender a produção de “é a história de uma moça que era tão pobre que só comia cachorro-quente. Mas não é só isso. A história é sobre uma inocência pisada, uma miséria anônima”, entrevista de Clarice na criação da personagem Macabéa de *A Hora da Estrela*, um narrador volúvel masculino.

E esta descoberta do mundo diante da esfinge Lis no peito, o contador passou a narrar que “quem acha doce a terra natal ainda é um tenro principiante; aquela para quem toda terra é natal já é forte; mas é perfeito aquele para quem o mundo inteiro é um lugar estrangeiro”.

A bossa do sambista narrador fixou seu amor num único ponto do mundo, a pessoa forte estendeu seu amor a todos os lugares; o homem perfeito extinguiu o seu, e foi em busca do bushido do sertão, do ritmo, a melodia e a harmonia, na primeira parada, São Paulo, São Paulo, música do grupo Premeditando o Breque, e cantou é sempre lindo andar na cidade de São Paulo, o clima engana, a vida é grana em São Paulo, a japonesa loura, a nordestina moura de São Paulo, gatinhas punks, o jeito ianque de São Paulo.

E continuou a caminhada, depois de a mulher japonesa, o Grupo Rumo que tinha uma misturinha, Sinhô e Noel Rosa, e um som, a poética e humor que qualquer sambista perde o breque e o rumo, e o integrante Akira um baixista com a sutileza do mangá para a formação de tem nipo no balanço, duas posições, no samba Maldade do Tempo.

E da mesa do Kabura, restaurante japonês no bairro da Liberdade, imaginou o samba haikai, vidas secas/chuvas de verão/cine Niterói, sagração da natureza.

E a cultura e a instituição do prazer sacudiram e pintaram um Cae cheio de jeito e cantou você é linda, fonte de mel, nos olhos de gueixa, Kabuki, máscara, choque entre o azul e o cacho de acácias.

E ainda, a sociedade Ipê Amarelo, um açaí, Djavan, ensaiou, assim, que o dia amanheceu, lá no mar alto da paixão, dava pra ver o tempo ruir, cadê você? Que solidão, esquecera de mim, enfim, de tudo que há na terra, não há nada em lugar nenhum, que vá crescer sem você chegar, e

num Gil sem clichê, dos clichês, e dos estereótipos, não vou jogar, o meu destino contra o seu, num filme sentimental sem sal, não vou chorar, nem fingir que o amor morreu, chega de drama banal, que seja a dor, aprender japonês em braile, nosso amor, nosso ardis, Teatro Nô, onde o ator é ao mesmo tempo atriz, vestes da mesma nudez, e a criação do caminho do bushido do sertanejo, o espírito do sertão veredas, Diadorim do rio bardo latino americano, um rashomon musical, cantou ai, estou tão feliz..., e para cair aos pés do vencedor, o samurai sertanejo.

Mas Kid Morengueira perguntou é marmelada, e a economia, é isso aí, e a competição internacional, bye, bye Brasil, e dizia, eu não sei parar, e Chico além de Buarque, construiu o personagem, tem um japonês atrás de mim, década de 1990, de *Kioto*, e sob o império do desejo, num samba do império da paixão, hoje, o autor ao vencedor as batatas. E desfilou no sambódromo o enredo depende do olhar, nem todo brasileiro é Rio de Janeiro e nem todo oriental é japonês. Uma sonora gargalhada no samba, deglutição dos chicos, Oliveira, de Holanda, e de Alvim quer ver, escuta!

Paz

Cristiano Yuji Sasada Sato

Há muito tempo muitas coisas mudaram, mas sempre muitas coisas ficam. Vivemos para conhecer nossas essências.

De muito longe viemos e longe estamos, mas temos muitas lembranças das nossas raízes. Trabalhamos para merecer o que nos foi dado.

Muitos que amamos não sabemos como estão, mas sentimos que fazemos parte de algo maior. Buscamos nos conectar com aquilo que nos importa.

Às vezes nos cansamos porque não sabemos o que fazer, mas há escolhas e tudo sempre se encaminha. Nesta caminhada, a estrada nos conduz...

Vai ficar tudo bem, só faça seu melhor

Cristina Sato

Olho fascinada para aquele pequeno pacote que fora entregue na portaria do prédio. Não veio pelo correio, não tem remetente. Meu nome por extenso escrito com caligrafia caprichada: À Senhora Cristina Miyuki Sato. Em Mãos. Havia um detalhe que me deixara sobressaltada: meu nome escrito em japonês na lateral, bem pequeno. Quatro ideogramas com a letra inconfundível do *Sensei*, o professor que ao longo de toda infância e adolescência me ensinou bem mais que letras *katakanas*, *hiraganas* e *kanjis*. Dele recebi muito e nunca agradei devidamente, o que provoca um vazio triste no coração.

Dentro do embrulho bem feito surge um caderno comum, com uma capa alegre e juvenil. O título na primeira página anuncia o que já sei: DIÁRIO - FÉRIAS DE VERÃO (*NATSU YASUMI NIKKI*). Fácil reconhecer minha caligrafia apressada, meu estilo impetuoso e quase rude. Vou folheando as páginas bem rápido para me deliciar com as correções do *Sensei*: círculos concêntricos e triângulos, marcações ao estilo japonês. Muitos incentivos nas beiradas das páginas: *Ótima percepção! Bom, muito original!* Algumas críticas: *Atenção com clichês!*

Os registros do diário falam de inquietações de adolescente com a vida naquele bairro populoso, com muitos nikkeis, na zona leste de São Paulo. Em cada data surge a jovem ávida por desafios, distanciando-se daquele professor sistemático e um pouco antiquado mesmo para aqueles anos 70 e 80. O *Sensei* impunha a si uma disciplina rígida, mas não ficava louvando os métodos japoneses, nem nos chamava de degenerados como tantos outros

imigrantes do bairro. Estava sempre de terno, colarinho abotoado, gravata com nó apertado. Lembro dele assim nos dias infernais de verão. Nunca o vi com outro tipo de roupa, nem nas competições esportivas.

— Sensei, é o senhor? – chamei meio duvidando, meio alvoroçada.

Relembro aquele último encontro que todos teimam em dizer que não houve. Eu tinha ido ao Bunkyo, para encontrar uma amiga que estava ajudando nos preparativos da Feira de Livros da entidade. Logo que entrei no prédio vi aquele senhor tão familiar, muito distinto. Estava sentado numa mesa, separando livros e outros materiais tirados de uma caixa de papelão.

— Ah, Sato-san!?! Há quanto tempo! Como vai?

Ele sempre me chamou pelo sobrenome, com o devido pronome de tratamento. Essa formalidade me permitiu um tipo de confiança quase inabalável em relação à minha identidade. E isso teve papel crucial em momentos de discriminação, comigo ou com meus pais. Penso em perguntar porque ele me chamava de modo tão formal, mas desisto. Vou direto a uma questão que me aflige mais:

— Sensei, eu acabei escrevendo aquele diário de férias que eu não queria fazer no último ano. Não deveria ter falado daquele jeito com o senhor, me desculpe!

Parei o japonês quando fui para o Ensino Médio, era impossível conciliar os horários. Escrevi o diário nas férias seguintes. Minha mãe até levou o diário para o *Sensei* na escola, mas ele estava doente e havia sido substituído. Os meses viraram anos e depois décadas. Restou uma pendência na alma, com ele e comigo.

— Eu fiz o diário, viu? Segui todas as suas orientações – tentava convencê-lo.

— Não, não. Eu que me desculpo! Mesmo já afastado da escola pedi o diário para corrigir. Afinal era minha responsabilidade. Mas quando me entregaram eu já estava internado... E você ficou sem a correção. Continuo procurando... – disse o *Sensei*.

Naquele momento meu celular tocou e pedi licença para atender. Afastei-me um pouco, e quando desliguei o *Sensei* não estava mais lá. Ainda procurei um pouco, mas precisei me apressar porque minha mãe passara mal... Desde então fiquei com aquela sensação estranha: não foi sonho, mas não era real o suficiente. O que ele estava tirando daquela caixa de papelão? Teria ele encontrado meu diário no meio daquelas coisas? Naquele dia ele reafirmou o que sempre me dizia, como se soubesse que eu iria precisar de novas forças: “*O que importa é que você fez seu melhor; ninguém precisa estar vendo ou reconhecer. Nós sabemos. Está tudo bem. Daijoubu!*”

Carta ao antepassado

Danielle Nomura

"**P**rezado Komattaro: há algum tempo que já sonho em conversar com você. Por vezes fico imaginando como deve ter sido difícil sua viagem para o meu país. Fico me questionando sobre como deve ter sido seus sentimentos dentro do navio Rio de Janeiro Maru, suas expectativas, seus medos (onde os guardou?) em relação a este país ocidental?

Hoje eu me tornei o que sou graças ao seu esforço e penso na importância de honrar o seu legado e de todos os nossos antepassados.

Sempre escutei falar que para conhecermos uma cultura melhor, precisamos vivenciá-la, comer de sua comida para então conhecê-la. Pois bem, tive este gosto e posso lhe afirmar que conheci, vivenciei um pouco dela por você também entendendo suas saudades, elas também habitam em mim, será que é um quarto do que você sentiu? Não posso comparar, nem o devo, mas deve ter sido grande.

Hoje levo comigo duas culturas como base, graças às suas renúncias para uma vida melhor aos nossos. Sei que sofreu por não poder falar sua língua materna quando ocorreu a guerra, que teve que esconder seus pertences para não serem destruídos, que deixou para trás pessoas pelas quais tinha apreço, e me curvo a todos aqueles que ficaram e que partiram para tornar o meu presente possível.

Queria lhe contar algo que espero que se orgulhe. Nossa família continua seguindo seus passos, nós todos continuamos sendo unidos, batalhadores seguindo na

medida do possível as tradições que nos passaram. Fazemos o *zōoni* no primeiro dia do ano, a faxina para começar o ano bem e também “abrasileiramos” é claro, comemos lentilha na virada do ano, mas creio que é compreensível.

Hoje me tornei uma humilde professora, mas lhe conto que essa vontade veio por meio da educação que me foi oferecida enquanto a vivenciei com os seus. Foi quando os seus mestres me mostraram que valores, responsabilidades e respeito são algo que não tem preço e merecem ser ensinadas com toda sua honra.

Cantei o hino dos seus, limpei o chão que me acolheu para o meu aprendizado, reverenciei os professores no começo e no fim de cada aula, aprendi o valor de viver e respeitar o convívio coletivo e busco levar esses valores aos que entram na minha sala.

Tive o gosto de saborear um pouco do doce e o amargo das duas culturas, das quais faço parte, sendo muito grata por isso.

Meus passos ainda estão longe dos seus, mas quem sou eu para me igualar, sei o meu lugar.

Mas sabe, se hoje estivesse aqui, gostaria de ter a chance de me sentar ao seu lado, colocar a minha sobrinha no colo e juntos olharmos o horizonte, sem falar nada, apenas sentir a gratidão do passado, do presente e do futuro, por estarem ali juntos”.

Com amor e carinho
de sua bisneta Danielle Nomura

O trampolim para a transformação

Douglas Hiro Kaizuka

Sou brasileiro, nascido em 1988, quando ocorreram grandes acontecimentos no país, como a promulgação da Constituição Brasileira e o 1.º título mundial do Ayrton Senna; mas não pretendo focar no “Eu”, tampouco nesses episódios, e sim, na história que se assemelha a de diversas pessoas de uma representativa colônia, que teve o seu marco inicial no dia 18 de junho de 1908, quando chegou o primeiro navio com imigrantes japoneses. Portanto, seria necessário falar sobre dois personagens presentes em todas as famílias nikkeis.

O meu *jichan*, Keijiro Kaizuka, o grande patriarca dessa família, chegou dessa forma e ponto. Não poderia dar mais detalhes dessa grandiosa aventura, pois sempre que esboçava tocar no assunto, nunca obtive grandes respostas; talvez, o que nas nossas cabeças esteja caracterizada como aventura, pode ter sido um dos momentos mais dolorosos da vida de um imigrante japonês, por isso a resistência em falar sobre esse passado. Morou boa parte de sua vida em Tupã/SP, antes de seguir o caminho natural da cidade grande, a capital. Lá, exerceu a atividade de alfaiate, pela qual por meio do trabalho duro, perseverança e habilidade ímpar adquiriu o respeito da comunidade. E também, devido ao seu talento inato pela música, sendo cantor e “*Sensei*” por muitos anos.

A *bachan*, Yoshico Kaizuka, esteve ao seu lado e trabalhou muito também, como ela mesma lembra em alguns momentos: “Nossa, como eu trabalhei!”; e ainda criou três filhos e cuidou de muitas outras crianças que tiveram passagens pelos seus lares, como os seus netos. A

partir desse ponto que começa a surgir uma conexão entre nós, quando na década de 90 os meus pais optaram por buscar uma oportunidade na Terra do Sol Nascente, face às condições adversas na época, deixando os seus três filhos com o *jichan* e *bachan*.

Na minha infância, pude aprender diversos valores, como a integridade, quando tomei uma senhora bronca do *jichan* ao abrir um salgadinho e saboreá-lo em um passeio ao Supermercado Barateiro; descobri o significado de respeito, por meio da sola dos chinelos Rider, quando fazia uma “arte”.

Religiosamente aos domingos, eles nos levavam para o Seicho-No-Ie, e inconscientemente comecei a praticar a coletividade, pois sempre no final as crianças “brincavam” de arrumar as mesas e cadeiras, assim como vemos as crianças japonesas arrumarem as suas salas de aula, na televisão.

Já quase no início do século XX, minha família mudou-se para a Bahia e, portanto, esse forte laço se desfez e cada um seguiu com as suas vidas. Hoje, porém, consigo visualizar o enorme aprendizado de ter sido criado pelo *jichan* e *bachan*. Antes do que o *jichan* dizia de “partir para a viagem longa”, tive a oportunidade de retribuir, em algum grau, pelos anos de convivência e lições da tradicional cultura japonesa, por meio da gentileza e responsabilidade, ao ajustar o trabalho com viagens no final de semana, sendo que no final, foi possível antecipar uma mudança de cidade, com o propósito de acompanhar a sua saúde de perto ou simplesmente passar mais tempo com ele.

E em tempos de Coronavírus, quando planos não puderam sair do papel, voltei a morar com a *bachan*, e os papéis foram invertidos, de certa forma. Passei do papel de “ser cuidado” ao de “cuidador”, em face à sua idade

avançada de 90 anos, completados em janeiro de 2021, e as consequentes limitações naturais do corpo físico.

A vida, no fim das contas, funciona como um conjunto de engrenagens, no qual cada uma delas pode ser o trampolim para a nossa transformação. E assim são os valores nikkeis, uma engrenagem que, mesmo que lentamente, tem o poder de impulsionar a outra e dessa forma é possível enxergar o aprendizado e a nossa própria evolução; e a partir desta, é possível, com perseverança, engajar-se aos poucos e, dia após dia, adquirir pequenas porções de vitórias por meio dos bons pensamentos e ações solidárias, em busca de uma sociedade melhor e mais justa, mesmo que seja a passos de tartaruga, visto que não é possível abraçar o mundo e resolver todos os problemas.

E apesar do uso da palavra gratidão ter virado algo tão banal, sendo a palavra da moda e que muitos “falam por falar” ou simplesmente a usam para agradecer por algo físico ou um favor recebido, posso dizer que me sinto profundamente grato por ter aprendido os diversos valores nikkeis e orgulhoso por ser brasileiro também. Isso significa a oportunidade de me tornar um ser humano e espiritual cada vez melhor, independentemente de ter nascido no Brasil ou de ter grandes raízes no Japão, juntando, assim, o melhor dos dois mundos.

Meu Primeiro Livro

Fernanda Gushken

Lembrar da minha infância é como apreciar o perfume de uma flor, que sempre estive no meu jardim, mas que só nutre sentimentos depois da minha dedicação em observar e refletir sobre sua existência. Tive a sorte de poder ter grande contato com a natureza, gostava muito de admirar o novo: um canto de uma ave que não conhecia ou uma folha com formato diferente. Quando cresci um pouco mais, senti o peso de responsabilidades como provas e lição de casa. Não entendia como atividades lúdicas que fazia no jardim da infância, como desenhar ou criar histórias, seriam importantes para a minha formação técnica, para a carreira. Lembro-me de um projeto chamado "Minhas Raízes" que fiz aos oito anos, em que tinha que fazer um livro ilustrado com uma árvore genealógica. Tive grande ajuda de meus pais para cumprir essa tarefa, que não era nem um pouco trivial. Começamos a buscar álbuns de fotografias, resgatando memórias como o meu nascimento, o casamento dos meus pais, a época que estavam na faculdade. De forma retrospectiva, fui percebendo que os materiais se tornavam cada vez mais escassos.

Nem eu nem meus pais sabíamos por exemplo o ano em que meus bisavós nasceram. Também tivemos dúvidas sobre o que motivou nossa família a imigrar do Japão para o Brasil. Talvez pela guerra? Ou será que era pela pobreza? Tive então que ligar para meus avós, para perguntar se poderiam compartilhar um pouco mais da história deles. Era o início de uma jornada de descobertas. Reconheci que não ia conseguir fazer o projeto sozinha,

mesmo se eu quisesse. Entre algumas visitas que fiz na casa dos meus avós, pudemos conversar e rever álbuns de fotografias bem antigos, assim como documentos que nunca tinha visto antes. Meu avô paterno, que nasceu em Shizuoka, chegou ao Brasil com apenas um ano de idade, principalmente devido às ameaças de guerra da época. Meus outros três avós são brasileiros; seus pais eram japoneses (de Sapporo e Okinawa) e chegaram ao Brasil com uma esperança de uma vida melhor. Os quatro viveram no interior de São Paulo, tendo que trabalhar na lavoura por muito tempo. Para eles, as perspectivas de vida melhor eram muito focadas em garantir o sustento da família deles para que seus filhos e as próximas gerações pudessem estudar. Nunca imaginava que ir para escola era um luxo, pensava que todas as crianças tinham essa oportunidade. Questionava-me por que eles focavam tanto na educação dos filhos, mesmo se isso significasse menos mão de obra na lavoura, ou menos conforto no dia a dia. Será que era para conseguir uma boa profissão? Ou para conseguir mais dignidade como imigrante? Esses questionamentos perduraram por muito tempo, mesmo depois de finalizar o projeto. Entreguei cópias do livro aos meus avós, em um dia muito especial. A escola organizou o "Chá com Avós", no qual fizemos uma apresentação sobre diferentes culturas, imigração e finalmente a homenagem final, a tão esperada entrega dos livros.

Hoje, ao folhear o primeiro livro que redigi, fico muito feliz pela escola ter organizado um projeto como esse. Também sinto mais coragem de perguntar sobre como era a vida dos meus avós quando eram crianças, do que gostavam de fazer. Percebi que a minha timidez ou a falta de tempo não eram justificativas para não conhecer bem as minhas raízes. É muito gratificante ver o sorriso estampado nos meus avós quando demonstro curiosidade por tudo que passaram e quando elogio toda a

perseverança que tiveram. Quando pergunto por que decidiram mudar de cidade ou assumir empregos simultâneos, percebo como a educação permeou as escolhas que fizeram. A educação que eles desejavam às próximas gerações não era meramente para o sustento financeiro. Na verdade, representa um ciclo, de reconhecer tanto as limitações, como as potencialidades do ser humano. De encarar que estamos em um processo contínuo de aprendizado, não restrito ao ato de ir presencialmente à escola, e sim de reconhecer que podemos gerar um impacto na sociedade como um todo. Vejo esses valores nikkeis com muito orgulho e também carrego a responsabilidade de incentivar o autoconhecimento nas outras pessoas, de instigar a percepção de que a educação cria mais curiosidade pelo diferente, empatia pelo outro e nos liberta de preconceitos irracionais.

Só mais um sopro

Fernando Matsumoto

Fim da tarde de quarta-feira, ouço a porta do apartamento abrindo. Havia um objeto de barrinhas metálicas, presas à porta, que anunciava a chegada.

Era minha mãe. Deveria ser mais uma recepção com um “oi”, seguido de um outro “oi”. Era assim que a gente se entendia na nossa cumplicidade, na nossa ligação de filho de 15 anos e sua mãe de 45. Éramos só nós dois. Minha irmã estudava em outra cidade e meu pai, advogado aqui no Brasil, foi tentar ganhar nosso sustento em uma fábrica no Japão como decasségui. Era a crise de 1990.

Minha mãe chegou do trabalho, ela era secretária de uma escola pública. Estava cansada e sentou no sofá. Queixou-se de falta de ar. Liguei para meu tio médico. “Leve ela urgentemente ao hospital”.

Meu coração disparou. Saí correndo para a avenida procurar um táxi. Hora do rush. Todos os táxis estavam recolhendo e não paravam. Um parou.

O destino hospital parecia tão distante. Final de tarde e trânsito travado. Cada metro era uma eternidade. Pulei para o banco de trás e falei que já estava chegando e que tudo iria dar certo.

Minha mãe perguntou se eu tinha estudado. Fico agora aqui pensando: educação sempre foi uma das preocupações dos meus pais.

Ela abriu sua bolsa e me deu sua carteira. “Fê, esse é o meu documento, essa é a minha carteira do plano de saúde e esse é o dinheiro do táxi”. Ela já sabia o que ia acontecer. Era óbvio. Braços formigando, respiração fraca.

Fui rezando, implorando para que o óbvio não acontecesse. A respiração dela foi ficando cada vez mais difícil. A aspiração era lenta e dura. Os olhos já estavam fechados.

O trânsito lento. A velocidade fraca, como as batidas do seu coração que eu monitorava com os dedos no pulso. “Calma. Está tudo bem, mãe. Respire e faça esse ar render. Força. Força.”. Angústia por mais um simples e singelo sopro. Implorei por mais um sopro e ele não vinha.

Vi sua boca e desmoronei. Os lábios roxos, olhos fechados e o peito não se mexia mais. “Perdi o pulso! Perdi o pulso!”, eu gritava ao taxista. “Moço, perdi o pulso!”. Apertei mais os dois dedos contra o seu punho, com a esperança de estar fazendo o monitoramento de forma errada. Tentei a jugular, nada. Tentei sentir alguma microvazão de ar saindo da boca e, novamente, nada.

Deitei-a, segurei as narinas, curvei a cabeça e assoprei. Juntei as mãos e apertei o peito algumas vezes. Repeti. Repeti. E repeti. Não lembro quanto tempo fiquei fazendo a manobra. Não lembro onde estava. Não via a janela do táxi. Só pensava em “mais uma vez. Não pare. Vai dar certo. Tudo vai terminar bem”.

Chegamos ao hospital. Colocaram-na numa maca e a levaram.

Fiquei lá sentado numa maca no corredor do hospital, com a bolsa da minha mãe nas mãos. Uma enfermeira me levou para um salão cheio de cadeiras.

Já era noite. Não lembro o momento exato, mas liguei para minha tia e ela apareceu lá. Um médico veio em minha direção e falou que minha mãe tinha falecido. Lembro que nem reagi. Era óbvio. Eu tinha acompanhado todo o processo. “Sem pulso. Sem pulso.”

Senti um vazio. Uma mistura de saudades com impotência.

Difícil explicar, mas eu me sentia relativamente abençoado por ser o único que entendeu plenamente o que estava acontecendo. Era quase uma equação matemática de tão clara que a morte da minha mãe se mostrou para mim.

Lembro de cada detalhe. Lembro dos seus sopros. Lembro do seu último sopro. Lembro do frio de suas mãos. Eu a vi partir. Entender isso me fez bem. Isso me faz bem até hoje.

Trinta anos se foram. Tocamos nossas vidas. Eu e minha irmã fizemos e fazemos a vida dela ter valido a pena. Fizemos e fazemos o esforço do meu pai ter valido a pena. Graças a eles, pudemos estudar num ótimo colégio e nos formar em ótimas universidades. Gratidão eterna.

Eu tenho 45 anos. A mesma idade da minha mãe quando morreu. Às vezes acho que ela viveu pouco, mas quando vejo o quanto ela e meu pai me ensinaram, parece uma eternidade. Gratidão novamente.

Ela foi feliz, e assim que eu me lembro dela. Faz tempo, mas lembro de cada detalhe do seu sorriso. Bem feliz. E isso me deixa em paz há 30 anos.

O *mise*

Gabriel Yuji Nakashima

Numa esquina curitibana, na região do terminal Guadalupe, havia uma estrela. Nipo e brasileira.

Pelo menos, era isso o que indicava o letreiro da mercearia “Estrela Japonesa”, que tinha uma atmosfera coerente com seu entorno, a não ser pelo som do *enka* das ruidosas fitas cassetes. Na verdade, estava mais para um boteco, quem sabe até um *izakaya* nipo-brasileiro. E as paredes, junto com os clientes inebriados jogando cacheta, provavam isso. Garrafas de cachaça, uísque, cerveja e refrigerante decoravam o alto das paredes. Também: isqueiros, pilhas e cigarros se amontoavam na altura dos olhos. Na verdade, havia de tudo o que se precisasse por lá. Inclusive, quando fechou, a família herdou esse diverso catálogo de produtos que não chegou a ser vendido ao longo dos cinquenta anos de funcionamento do botequim.

A área não é das mais luxuosas, talvez seja até desprezada por parte dos curitibanos. Fico imaginando que a lojinha era como as da Conde de Sarzedas, na época em que imigrantes japoneses saíram do interior rural de São Paulo e foram para a cidade, buscando uma vida melhor. Nas fachadas, havia janelas acima da entrada da mercearia, supostamente de um apartamento de prostitutas, as quais acho que nunca vi. Curiosamente, do outro lado da rua, uma maternidade. Na calçada, taxistas formavam fila esperando a clientela. De vez em quando, também tinha alguém fazendo uns espetinhos na frente. Esse ponto, que reunia as mais diversas pessoas, era o *mise*, como chamávamos o local cuidado pela *bachan*.

Ela até tinha um apartamento onde morava, mas o comércio era seu verdadeiro lar, onde gostava de estar. Funcionava principalmente no árduo terceiro expediente, muitas vezes abrindo de tarde e fechando em plena madrugada. No encerramento, os frequentadores mais fiéis do *mise* gentilmente se revezavam para acompanhá-la até sua casa. Eu passava ocasionalmente por lá e acabava tomando uma coca KS, comendo um salgadinho *Cheetos* ou mascando um *babalu*, porque ela sempre perguntava se eu queria. Teve uma vez que tinha uma barata, já imóvel, na caixinha de chicletes. Nem por isso deixei de pegar os habituais doces nas visitas.

Hoje, as memórias afetivas daquele barzinho ganham forma nas mercadorias não vendidas. As clássicas havaianas de cor branca e azul bebê; alguns isqueiros que usamos para acender o incenso no *butsudan*; uma garrafa ou outra de uísque, que bem lentamente se esvaziam; as fitas de *enka* da Misorí Hibari e Itsuki Hiroshi; são alguns dos itens que compõem o inventário de lembranças do *mise*. Se por um lado não houve lucro com esses objetos, por outro, agora eles possuem valor incalculável, que jamais me permitirão esquecer daquela senhora contando as moedinhas, por trás dos vidros de ovos coloridos e conservas sobre o balcão de fórmica vermelha.

Bar Kimura

Henrique Yagui Takahashi

“Vou parar neste bar rapidinho para comprar cigarro”, disse o rapaz. “Mas, *mor*, estamos atrasados!”, disse a moça. O rapaz saiu do carro e foi correndo em direção ao bar. “Bar Kimura”, piscava o letreiro. Ao adentrar no estabelecimento, sentiu um cheiro cálido de fritura que imediatamente abriu seu apetite. “Um Marlboro light”, ordenou ao senhor japonês que estava no caixa. “São 5,45”, respondeu o senhor. O rapaz lhe deu uma nota de 10 reais. No caixa havia um boneco de um gato branco com orelhas vermelhas segurando uma moeda gigante. O senhor devolveu o troco, acenando com a cabeça. O rapaz pegou as moedas e, ao sair, disse em voz baixa: “comeu a língua, japonês?”. O gato balançava seu braço, para cima e para baixo, despedindo-se pacientemente, de mais um cliente.

O bar havia sido fundado pelos seus pais há muito tempo atrás. O seu pai atendia os clientes e a sua mãe preparava os salgados. Após a escola, ele ficava no bar durante o período da tarde para ajudar seus pais. Ele sempre gostou de ficar no caixa porque se sentia adulto. Subia em uma caixa de tomate vazia para atender os clientes. Gostava quando atendia algum cliente conhecido que elogiava: “Kimura-san, *fiô* bem *responsabure!*”. “*Arigatou ne!*”, respondia seu pai acenando a cabeça ao cliente, agradecendo-lhe e sentindo-se orgulhoso de seu filho.

Quando não havia muita gente no bar, sua mãe lhe chamava para comer um lanchinho da tarde. “*Fio*, tem *oniguiri* pra *comê*”. O chamado da sua mãe era uma das melhores sensações de sua infância. Ele recordava de todo

o trajeto. Descer da caixa de tomate, correr até a bancada e sentar-se atrás do display de salgados. Seu coração palpitava de tanta adrenalina. Ao abocanhar seu primeiro pedaço de *oniguirí*, sentia o calor do *gohan*, enquanto escutava o som dos pastéis sendo fritos pela mãe.

Em um dia daqueles, enquanto comia seu bolinho de arroz, havia chegado uma mulher bem alta de mãos dadas com o seu filho. Esse menino era um pouco maior que ele. Tinha cabelo claro, mas não chegava a ser totalmente loiro. Ele e sua mãe sentaram-se do outro lado da bancada. Ela pediu uma coxinha de frango e o menino um pastel de queijo e um guaraná. Os dois meninos se olhavam fixamente através do display. Seus olhares competiam com a luz amarelada e os diversos salgados: coxinhas, rissoles, pães de queijo e pastéis nos mais variados formatos. Os dois comiam em silêncio. Se um dava uma mordida no bolinho, o outro abocanhava o pastel. Até que o menino do pastel acabou queimando a boca, fazendo o outro rir travessamente, pois ele sabia que seu *oniguirí* não o queimaria.

Havia acabado a pequena competição entre os dois. Com sua boca machucada, o menino derrotado bebericou seu guaraná gelado para aliviar a dor. Seus olhos começaram a se encher de lágrimas. Ele, que havia vencido, foi em direção ao menino e, cabisbaixo, lhe ofereceu o seu bolinho de arroz. A mãe, que estava fritando os pastéis, viu a cena e gritou: “*Que cê tá fazendo!*”. Saiu correndo em direção a ele, agarrou-o forte pelo braço e arrastou-o até a cozinha.

Ele estava se sentindo perdido e triste. Sua mãe não havia dito nada mais. Ela havia ido em direção à panela de arroz e começou a preparar um novo bolinho. “Mas mãe... já tô cheio...”, ele disse se queixando. A mãe virou-se em direção a ele e lhe disse: “Leva isso pra aquele menino”,

entregando-lhe um prato com um bolinho de arroz. Ao encontrar-se com o menino, entregou-lhe o prato e disse mal humorado: “Isso é pra você”. O menino, que estava com os olhos cheios de lágrimas, imediatamente abriu um sorriso largo e disse: “Muito obrigado!”, acenando com a cabeça. Ele continuava confuso com tudo aquilo, enquanto via de longe sua mãe com os olhos sorrindo.

O senhor despertou com o barulho da porta do bar se abrindo. Uma voz forte veio em sua direção: “E aí Kimura! Tá pronto pra aquela cervejinha?!”. O senhor, que estava um pouco desnordeado, respondeu: “Oi, Carlinhos, como você tá?”. Suas lembranças de infância faziam-no divagar sobre suas memórias que ele havia passado naquele bar. “Tô bem, Kimura! Mas vou ficar melhor se você puder fazer um daqueles bolinhos de arroz que a sua mãe fazia”. Apesar de não precisar descer mais da caixa de tomates, ele sentia a mesma alegria em percorrer o mesmo trajeto. Mas agora, em direção à cozinha, para preparar os famosos *oniguiris* Kimura.

Paladar

Hudson Okada

Mesmo ainda muito criança, cheguei fácil a essa conclusão: a casa dos meus avós maternos era tão diferente das outras que eu conhecia – até então – que, quando eu estava nela, era como se eu estivesse num outro plano.

E os motivos para essa impressão eram vários:

Os adultos – meus avós, meus pais e meus tios – só falavam entre eles em japonês. Os jornais e livros do meu *ditchan* eram todos escritos em japonês. Os musicais que minha *batchan* assistia também, japoneses. Os enfeites espalhados pela casa – vasos, quadros e bonecas – eram do Japão. Os brinquedos e gostos dos meus primos também, japoneses. E, principalmente: no café da manhã, no almoço e na janta, a comida era toda japonesa.

Minha *batchan*, excelente cozinheira, fazia os mais diversos pratos. E eu, bom de garfo – e de hashi – que sou, comia tudo o que me colocavam na frente; mesmo sem ter a mínima ideia do que estava mastigando e, principalmente, de qual seria o nome do que eu mastigava.

Claro que isso me colocou em situações que, para mim, eram surpreendentes. Como quando uma vez eu senti guelras se prenderem no céu de minha boca e descobri que o que eu tanto mastigava era um pequeno tentáculo de polvo.

Outro momento curioso foi a vez em que eu estava na praia com meus tios e eles pediram para que nós, filhos e sobrinhos, pegássemos todas as conchinhas que ainda estivessem fechadas, com o molusco ainda dentro, e as colocássemos num balde. Foi nesse dia que eu descobri do que era feito um dos ensopados especiais da *batchan*.

Minha lembrança mais engraçada foi a vez em que um dos meus primos pegou um pedaço de *daikon* e o colocou, sem que eu percebesse, no bolso de minha bermuda. Por ainda não conhecer esse legume, fiquei bastante encucado com o cheiro de chulé que passou a me perseguir. Quando descobri o que era, meus primos deram muita risada. Mas eles também levaram bronca por terem brincado com comida.

E foi assim que essa parte do meu paladar foi formada: uma rica paleta de sabores orientais. Devo tudo isso, principalmente, à minha *batchan* – porque, claro, minha mãe, minhas tias e minha outra avó, também me ensinaram bastante.

Infelizmente, como eu nunca fui bom cozinheiro, não sei fazer quase nada da culinária japonesa. Mas, felizmente, como moro na Liberdade, em São Paulo, tenho a possibilidade de encontrar alguns dos sabores de minha infância em alguns cantos desse bairro. Assim, sem perceber, acabei criando um mapa afetivo do meu paladar.

Quando sou surpreendido ao encontrar pratos que tem sabor muito parecido com os da minha *batchan* (o sabor do *inarijushi* de um mercadinho, o tempero do *sukiyaki* de um restaurante e os ingredientes do *tempurá* de uma barraquinha da feira), esse meu mapa ganha mais um xis. E o mercadinho e o restaurante e a barraquinha da feira, mais um cliente assíduo.

O ingrediente que eu mais tenho tido dificuldade de encontrar é o *missô*. Igual ao da *batchan*, me parece, vai ser difícil.

Mas, o que mais me faz falta ao paladar é o seu docinho de feijão, *amanatoo*; cujo preparo é extremamente difícil – não é para qualquer um. Os que eu encontro por aí não chegam nem aos pés do seu.

Enfim, precisei fazer esse mapa, porque, infelizmente, a idade chegou para a *batchan*. Com o tempo, ela foi parando de cozinhar. Hoje, já faz cinco anos que ela faleceu.

Nós – filhos, netos e bisnetos – temos certeza de que ela está no melhor plano possível. E que plano seria esse, caro leitor? Claro que nós não sabemos. Só temos a certeza de que esse lugar está agora bem mais saboroso com ela por lá.

Saudade, *batchan!*

O último *tsuru*

Igor Aoki

Quando o outono se aproxima, sempre sinto uma coceira no nariz. A primeira vez que isso ocorreu, foi no dia em que conheci a Senhora Chie. Todas as noites, em que saía muito tarde do jornal onde trabalhava, eu sempre via uma senhora sentada em frente de uma mesma loja. E naquela noite, ao sentir a coceira, fui pego por uma lufada de vento que espalhou minhas anotações de uma matéria que estava escrevendo.

Naquele momento a única pessoa a me ajudar foi a senhora Chie. Eu agradei e ela me respondeu com um sorriso cativante, aquilo de alguma forma ligou uma chave e, no caminho de casa, decidi que escreveria sobre aquela mulher, havia profundidade em seu olhar. Sim ela seria a minha próxima matéria.

Na noite seguinte fiz questão de refazer o mesmo trajeto no mesmo horário. E lá estava ela sentada no lugar de costume, ela logo me reconheceu e me cumprimentou. Então me apresentei como jornalista e disse que gostaria de escrever sobre ela. Quando percebi estava sentado ao seu lado e sabia muita coisa dela. Conheci sobre sua chegada ao Brasil e de como se esforçou para aprender a língua daqui. Também pude notar que ela não tinha vestígios de sotaque nipônico como as pessoas de sua idade.

Dia após dia, eu parava para conversar com ela e sempre a convidava para tomar um chá e comer uns *oniguiris*, mas ela recusou todas as vezes. Acredito que era orgulho, afinal, ela sabia muito sobre artes orientais, como ikebana, origami e haikai. Assim o que era para ser uma matéria tornou-se uma amizade. Ela ensinou a melhor forma de preparar um *banchá* e diversas outras receitas

como: *mochi* e *ankô*. Explicava como o Japão mudou após a guerra e que se sentia triste com a sociedade do país que ela deixou.

A senhora Chie me ensinava tanto sobre a cultura japonesa em nossas conversas, que eu ficava envergonhado por conhecer tão pouco. Acho que foi no fim do outono que perguntei sobre sua família, especificamente sobre os filhos, um assunto que ela sempre se esquivava. Mas me arrependi da pergunta, porque pela primeira vez a vi perder seu sorriso cheio de vida. Ela não quis falar mais comigo e depois disso pensei em dar um tempo em nossas conversas. Entendi que havia tocado em alguma ferida antiga.

O inverno daquele ano foi bem rigoroso. Fazia semanas que eu não me encontrava com a senhora Chie, quando, voltando para casa, percebi alguém sentado nas proximidades do meu prédio. Era a senhora Chie. Ela não parecia nada bem e corri para acudi-la. Tossia muito e estava pálida. Disse para mim que precisava contar uma coisa. Notei que ela segurava um saco grande e preto cuidadosamente. Logo, subimos ao meu apartamento e ofereci um chá para esquentar.

Quando se acomodou, ela explicou que tivera um casal de filhos e que desejava o melhor para eles. No entanto, sua filha fugira para se casar com um *gaijin*. E isso a senhora Chie não aceitava e por isso não falou mais com a filha. Um longo tempo depois, ela percebeu o erro cometido com sua filha e se arrependeu. Seu filho, querendo reconciliar a família, conseguiu encontrar o paradeiro da irmã, mas infelizmente ao retornar para trazer a notícia à mãe, sofreu um acidente fatal. A perda do filho foi tão impactante, que a senhora Chie se culpou e decidiu morar na rua. Fazia dez anos que tudo isso havia ocorrido.

Ao terminar a triste história, ela disse que nunca havia perdido as esperanças em achar sua filha, embora temesse não receber o devido perdão. Hoje, ela finalmente

teve a coragem de terminar o último dos mil *tsurus*. Abriu o saco preto com centenas de dobraduras. Eram *tsurus*.

Após me mostrar os origamis, ela pediu que a ajudasse a encontrar a filha. Aceitei sem questionar. Com este turbilhão de emoções, resolvi fazer mais chá para minha amiga e, ao retornar, percebi que estava caída. Em sua mão segurava o último *tsuru* e um pedaço de papel com um *haikai*, que dizia:

Inverno sem flores

Os mil tsurus dobrados

Para a flor retornar

A senhora Chie havia partido naquela noite de inverno. Como prometido fui à procura de sua filha, passei todo o inverno tentando encontrá-la. Isso me custou um verão cansativo até chegar a primavera em que, finalmente, com ajuda de um amigo da polícia, descobri onde a filha da senhora Chie se encontrava. Estava numa pequena cidade do Paraná. Logo que soube da localização, peguei um ônibus para ir ao seu encontro.

Cheguei ao pequeno sítio em que ela morava com seu marido e seus quatro filhos. Não era uma família rica, mas parecia que não faltava nada para eles e que viviam com simplicidade. A filha da senhora Chie tinha um olhar igual ao da mãe, embora carregasse uma certa tristeza.

Foi muito difícil contar sobre sua mãe. Entreguei o último *haikai* e o *tsuru* que a senhora Chie havia feito. Não havia palavras para conter as lágrimas dela, mas tentei contar sobre sua mãe, como ela sentia muito e que a procurou por toda a vida.

E ao deixar aquele lugar, senti uma satisfação enorme. Cumpri a promessa para uma querida amiga, que me ensinou tanto e de quem eu sentiria falta. Ao chegar em São Paulo, minha matéria foi publicada. E toda primeira noite de outono, eu sempre deixo um *tsuru* e flores onde encontrei a senhora Chie pela primeira vez.

Em busca da letra perdida

Ivan Nisida

A mediadora do evento me pergunta: “*Como eu te apresento? O seu nome é Nisida ou Nishida? Não esqueceram de colocar uma letra?*”.

Sim, esqueceram. Em algum momento na história de minha família, algum escrivão desatento apagou uma letra do nome original. E não foi qualquer letra. Na minha cabeça, brinco que foi a “*letra do meio*”, aquela que dá sustentação, aquela que une os dois hemisférios de uma mesma palavra, fazendo dela uma coisa só, inteira.

No lugar do “h”, restou um vazio. Um vazio insondável, que por muito tempo vivenciei como uma fonte de aflição. Um vazio que ecoou com a questão identitária de ser nikkei: pois afinal, o que é ser nikkei? Sou brasileiro? Sou japonês? Se sou brasileiro, por que alguns me chamam de japonês? Se sou japonês, deveria eu falar o idioma? Por que me sinto no limbo, meio fora de tudo?

Parecia que faltava um pedaço. Por um bom tempo, perambulei perdido nesse interlúdio, entre a cultura ocidental latino-americana e a cultura japonesa, essa bem viva nos hábitos de minha família. A mistura entre uma mãe de origem europeia (suíça e tcheca) e um pai de origem nipônica, adicionado o fato de crescer no Brasil, em uma escola francesa, gerou contraste.

Para mim, contraste gera beleza. Ao mesmo tempo, viver contrastes dentro de si pode ser desafiador. Conflitivo, em certos casos. Mas a Física nos ensina: *sem atrito, não há movimento*. Mais tarde, com a ação sutil do tempo, percebi que as indagações não eram exclusivas a mim. E que muitas outras pessoas, outros nikkeis,

partilhavam delas. E assim aprofundei pouco a pouco o processo.

Perto de completar 30 anos, fui impulsionado por esse sentimento de não pertencimento, em busca de respostas. Dessa inquietação, fez-se a busca. Da busca, fez-se a jornada. Da jornada, fez-se uma viagem ao outro lado do mundo, ao Extremo Oriente, para buscar respostas extremas. Foram 32 dias, de Hokkaido a Kumamoto, com uma mochila cheia nas costas e um “vazio no sobrenome”, para desvelar uma (encantadora) terra ancestral. Como podia ser tão fascinante aquele país chamado Japão? Por que ela me atraía tanto, de forma tão profunda e, ao mesmo tempo, tão serena? O que eram todos aqueles vazios nas falas pausadas, nas artes e na arquitetura?

A viagem me levou a Fukuhara, o pequeno vilarejo da província de Kumamoto (sul do Japão), local de origem de minha família. Sem a língua japonesa em meu repertório, como explicar às pessoas que eu buscava algo tão solene, grandioso e delicado como as minhas raízes?

Assim como meus antepassados, que reconstruíram as suas vidas no Brasil, tive que ser persistente na busca – e contar com a ajuda do universo. No caso, ele se manifestou pela gentileza de três funcionários públicos em Kochi; pelo sorriso de uma professora de inglês, que escreveu a minha história (em japonês) em um pedaço de papel, para ser apresentado como um “cartão de visitas”; pela ajuda inestimável de um casal de adolescentes que acionou a polícia; pela solícita dupla de policiais e, enfim, uma dezena de habitantes locais que apontaram, tão bondosamente, o caminho das pedras até a linda residência de Yoshiko Eto, 83 anos, última remanescente da família Eto em Fukuhara. Da minha família.

O encontro foi emocionante. Senti vontade de abraçá-la, mas não o fiz. Porque no Japão não se abraça com os braços: o abraço é mais sutil, mas ainda assim profundo. Dispensamos palavras. A nossa conexão foi tramada em outros planos. Yoshiko e eu oramos em frente ao *butsudan*, acendemos um par de incensos verdes, os mesmos da casa de minha avó, em Campinas. Ela me mostrou com orgulho o seu jardim, a sua horta, a sua vida. Depois, passeamos de carro pelo interior de Fukuhara, em um dia ensolarado de maio. Visitamos um jardim ornamental. Finalizamos o dia em um parque, feito de pequenas colinas verdejantes e árvores esparsas. Ali, sentados no banco de madeira gasta, bebendo café com leite quente, compartilhamos lado a lado uma meia hora de completo silêncio. De um silêncio completo. Pleno. Um momento de vazio, por assim dizer. Mas dessa vez não senti aflição. Senti paz. Senti-me em casa.

Aprendi ali, sentado, que mesmo os vazios podem gerar universos inteiros. No Japão, a pausa, o intervalo e o vazio são potência. “*O vácuo é todo poderoso porque tudo contém. Só no vácuo o movimento se torna possível*”, já diria o Livro do Chá de Kakuzo Okakura. É, portanto, o ponto de partida para que algo aconteça. E no vazio de Fukuhara, ao tentar me encontrar, ao contemplar a gentileza monumental de Yoshiko, que parou o seu dia para simplesmente *estar* comigo, descobri algo inesperado: que o amor assume muitas formas. Pode vir pelo abraço, pelo olhar ou pela fruta cortada para o café da manhã. E que assim como o amor, eu, também, poderia assumir muitas formas. Poderia ser brasileiro. Poderia ser (também) japonês. Poderia ser (também) suíço e tcheco. Ser infinitas coisas, como são infinitos os deuses do xintoísmo. Todas essas bandeiras e culturas fazem parte de mim. Poderia ser tudo isso, ao mesmo tempo. Porque, sim, coisas opostas podem coexistir no mesmo espaço.

Hoje, eu aceito que o vazio do “h” me habita como o mar, elemento que separa e liga, simultaneamente. Pertencer a duas ou mais culturas está longe de ser uma barreira, pelo contrário, pois é pura potência. A potência de poder ser inteiro, mesmo sendo composto de (tantos) pedaços...

Enfim, respondo à apresentadora:

— *“Pode escolher, Nisida ou Nisbida. Os dois estão corretos”.*

Minha *batian* do coração

Júlia Otsuka

Normalmente as pessoas aprendem o que é “ser *nikei*” de berço. Vão absorvendo os costumes e valores de uma forma tão simples e sem esforço, passados no dia a dia pelos pais e avós. Tanto que perguntas como “por que você sempre espera o mais velho se servir primeiro à mesa?” ou “por que você tem que tirar os sapatos ao entrar em casa?” tem uma resposta simples: “porque é assim”.

Eu, *yonse*i totalmente descaracterizada fisicamente do estereótipo japonês de feições orientais, não tive contato com absolutamente nada da comunidade nipo-brasileira até os 17 anos. Nunca tive minha conexão com a cultura da maneira que todos tiveram, desde a infância. Mas, mesmo assim, construí minha motivação e criei por mim mesma cada uma das conexões que meu coração tanto ansiava para ir de encontro à cultura japonesa, presente no sangue que corre nas minhas veias. Foi como se eu finalmente encontrasse o que precisava para suprir um vazio que tinha dentro de mim.

No início dessa trajetória, conheci uma pessoa que foi o grande divisor de águas no meu caminho, e ela se chama Eiko. Eu a conheci na associação em que comecei a fazer aulas de japonês, onde ela se voluntaria na organização da entidade faz muitos anos.

O povo japonês acredita – especificamente na crença do xintoísmo – que tudo tem uma alma. Seja um animal, objeto ou lugar. Seguindo a mesma crença, eu acredito que ela é a alma daquela entidade.

Eiko, uma *obaasan* taciturna, com sorriso contido e seriedade demasiada, em primeiro momento pode assustar.

Seja pelo caminhar decidido junto ao tilintar das sandálias nos longos corredores do *kaikan*, as poucas palavras e até a braveza ao ditar as maneiras corretas nos cuidados da cozinha. Coitado de quem já secou as mãos nos panos de secar as louças! Esse erro cometi somente uma vez – recebido com um sólido “*dame!*” – para nunca mais.

O povo japonês demonstra o amor de formas diferentes, em ações. E assim fui conquistando-a, pouco a pouco. Cada sorriso de canto de boca que arrancava de seus lábios, era uma vitória. Cada risada era um fio a mais no laço que nos ligava.

Ela me ensinou as perguntas e os significados para qual a resposta é “porque é assim”, que mencionei antes. “Adotou-me” como se fosse sua neta.

Ela nunca teve costume de fazer grandes palestras ou falar por horas a fio. Mesmo assim, por meio de ações, me ensinou muito.

Ensinou-me muito mais do que separar o lixo de maneira extremamente correta; a saber preparar *missoshiro* sem salgar, *gohan* sem empapucar ou a cortar um peixe de forma decente.

Ela me ensinou a importância na minha responsabilidade de manter vivas as tradições da comunidade japonesa no Brasil.

Ela me ensinou o que é ser nikkei. E por isso, serei eternamente grata.

Pequenos-grandes ensinamentos

Larissa Lumi Mada

Quando somos crianças, somos introduzidos ao mundo por meio das pessoas que cuidam de nós, sejam as mães, os pais, as avós, os avôs, os tios e as tias, vamos aprendendo aos poucos com cada um. Tenho em mim diversas lembranças que, ao passo que fui crescendo, fui entendendo os significados e percebendo novos.

O que era aquele “*itadakimasu*” e “*gotisousama*”? Sabia que a *bachan* os dizia antes e depois das refeições e eu apenas reproduzia e, com o passar do tempo, fui parando de falar até que, ano passado, quando estava sentada em frente ao meu prato, lembrei desses dois dizeres e pensei: “por que falávamos aquilo”? Após muito refletir, concluí que essas palavras traziam grandes ensinamentos sobre a comida que estava ali em meu prato, que ela precisou passar por diversos cuidados antes de estar ali.

A natureza que nos provém a terra, as sementes e todo o ambiente para o cultivo; os cultivadores que trabalharam com grande perseverança para produzirem e colherem aquelas folhas e vegetais; os animais que viveram e morreram para estar sendo meu alimento; os trabalhadores que desempenham seu papel fundamental na linha de produção para que o alimento chegue até as prateleiras; os meus pais que trabalham incansavelmente para garantir que esses alimentos cheguem à nossa cozinha e a minha *bachan* que prepara os alimentos com todo carinho para nós.

Aquelas palavras que estavam há um tempo perdidas foram novamente encontradas e agora possuíam um novo significado. Não eram apenas palavras ditas antes

e depois de cada refeição, agora eu as entendo como palavras de gratidão e respeito por todos os seres que se fazem necessários para nossa alimentação, que é essencial para a sobrevivência humana.

E, a partir da reflexão feita dessas duas palavras, resgatei outro ensinamento simples, mas poderoso, que também nos é apresentado quando criança, o *“katasuke”*. Como diversas crianças, eu adorava brincar e bagunçar, mas quando chegava o momento que meus pais me chamavam para fazer o *“katasuke”* eu fazia cara feia; mas, pensando hoje, ao longo de minha vida me peguei sempre fazendo essa prática. Recolhendo meu lixo quando não estou perto de uma lixeira, levando meus pratos para o local correto nas praças de alimentação, organizando o local em que estive ao ir embora, oferecendo-me para limpar e arrumar a louça quando sou convidada a jantar na casa de alguma amiga. Então, afinal, o que era esse *“katasuke”*?

Para mim esta é outra palavra que teve ressignificação. Entendi que não é simplesmente você limpar e arrumar o que fez e usou, é um cuidado com o coletivo, é cuidar do espaço que o acolhe e que foi desfrutado por você e, principalmente, cuidar desse espaço para o uso de outras pessoas que virão após você. É tomar responsabilidade de seus feitos e zelar pelo bem do todo e de todos.

Quando penso nesses pequenos e poderosos aprendizados, percebo que muitos deles foram ampliados e hoje são valores que me completam como pessoa. Coletividade, integridade, perseverança, respeito, aprendizado, gentileza, responsabilidade e gratidão, são palavras que sinto que perpassaram minha vida por meio de diversas ações e comportamentos que me marcaram.

E, entendendo o contexto que vivemos hoje, precisamos mais do que nunca colocar em nossas ações e pensamentos esses valores, pensar eticamente no bem coletivo e prezando sempre pelo respeito e a gentileza quando cruzarmos com outras pessoas, quando passarmos pelos lugares e quando estivermos em contato com a natureza e os animais; constantemente refletindo sobre nossa existência e o impacto dela no mundo e o impacto do mundo em nós.

Eternamente Estrangeira

Larissa Midory Sakamoto

Sou *nikkei*, mas nem tão *nikkei* assim. Ainda tenho dúvidas, mas vou destrinchar o que eu penso aqui. Não vivi a mesma história dos *nikkeis* que cresceram no Brasil. Fui para o Japão com 5 anos com minha família que foi trabalhar como decasségui. Lá eu era *gaijin*, aqui eu sou a japonesa. Sempre busquei aprender sobre outras culturas, e com todas as minhas forças aprendi a dos meus ancestrais. Tentei me enquadrar em tudo ao modo japonês de ser e às vezes, com vergonha do jeitinho brasileiro, neguei as minhas origens. Criei mil complexos em minha mente, mas também me deparei com pessoas que considero boa gente e que me ensinaram valiosas lições. O pouco que sabia sobre meu país estava concentrado nos comércios da comunidade. Eram o frango assado e churrascos dos domingos, os pastéis fritos após as missas da comunidade brasileira e o feijão que comia de vez em quando, quando queria ter uma experiência bem brasileira. De repente, aos 23, em meio a muitas reflexões com a família, voltamos ao Brasil. Não me lembrava de muita coisa, apenas um pouco do que vira nas novelas, como as belas praias e mulheres do Rio de Janeiro e outros estereótipos como a maior floresta do mundo, a violência e a pobreza. Estava feliz por não precisar de ser mais *gaijin*, de não ter um documento que se remetesse à palavra “estrangeira” e em saber que poderia pintar as unhas de vermelho-escuro sem ninguém me julgar. Quando cheguei me encantei com a beleza das frutas da feira, com a simplicidade e a espontaneidade do povo, porém, com o passar do tempo foi tudo muito diferente do que imaginara. Embora tenha retornado ao meu país, me dei

conta do quanto tinha o Japão dentro de mim. Percebi que não era tão brasileira assim e que aqui eu sou *nihonjin*. Deparei-me com a história de meus antepassados e percebi que fizemos a mesma trajetória em caminhos opostos. Descobri que, embora goste muito, não consigo comer o feijão brasileiro todos os dias, e que sinto falta do *gohan* grudado com *misoshiru* e *natto*. Sinto falta todos os dias das tardes de domingo em que assistia programas banais de variedades na televisão japonesa e percebi que, embora no Japão não fosse uma japonesa, aqui eu também não sou como as brasileiras. Quem sou eu? Brasileira ou japonesa? Não importa. Hoje eu me sinto grata por tudo que aprendi, aceitando que não é um defeito ser diferente, que não precisamos viver de complexos e que as culturas japonesa e brasileira, embora muito diferentes, podem se complementar, podem coexistir e se respeitar entre si. Esse é o meu desejo.

Buraku-Eu-Nós

Leandro Silva

Uma tarde de segunda-feira marcada pela exaustão e pela estranheza.

Exaustão não tanto minha, mas mais de alguns outros ali presentes. Na época, estava por uma sede enorme por saberes múltiplos, e não me cansava tão facilmente.

Naquela tarde estávamos assistindo a um filme na disciplina de Cultura Japonesa II. Não fazia muito ideia da temática, no entanto estávamos estudando as mudanças sociais com a Restauração Meiji, especialmente a inclusão da população *Burakumin* e seus direitos. A questão *Burakumin* apareceu como tópico, e fiquei extremamente envolvido com ele.

Aquele filme de que mal sabia o nome me levou para sentimentos profundos de identificação com uma dinâmica afetiva que não é a minha. Superprojetei no protagonista uma jornada, em busca do seu lugar na sociedade e em busca do sentido para sua própria família. Tudo naquele filme era especial e parecia estar falando diretamente com a minha própria existência. Era *Okuribito*, um filme de 2008 dirigido por Yōjirō Takita. Ao longo desses anos o assisti mais duas ou três vezes, cada vez com um impacto diferente.

As famílias ali representadas sutilmente apresentavam as relações de tensão entre uma família tradicional e uma família *Burakumin*. Como um não nikkei, de uma família miscigenada e sem muitos laços, a questão *Burakumin* no Japão me atraía, já que se trata em linhas gerais de uma grande parcela da população japonesa

excluída historicamente por ter alguma origem laboral "impura", principalmente para o complexo identitário do *Shinto*. *Burakumin*, dentre outros termos, é uma designação para o povo que vive à margem executando tarefas como a lida com o abate de animais, ou com o manejo de corpos em funerais, algo visto como impuro e inferior até na atualidade nipônica, que pode se estender às populações Ainu e Okinawana até às formações modernas de grupos Yakuza. *Burakumin* era o povo das vilas, dos "*buraku*". Boa parte dos nikkeis aqui no Brasil descendem de uma família *Burakumin*.

No filme, a solidariedade e a grande afetividade entre o núcleo de personagens marginalizados que trabalhavam na atividade "impura" me fascinou, ainda que não seja um núcleo de descendentes claros de *Burakumin*. A delicadeza dessa união, entre aqueles sujeitos que formaram novos laços familiares gerou em mim um sentimento de olhar atento sobre o quão humanizadora é a união entre as pessoas mais marginalizadas que estão em situações mais diversas – vivenciei aquelas cenas intermediárias do filme como um reconhecimento das relações de solidariedade aqui na periferia brasileira, ao reconhecer o quanto os vizinhos de bairro sem muitos recursos ajudam uns aos outros, e inclusive adotam os filhos de outros, sempre no acréscimo familiar de ajuda mútua – com um antídoto geral para o abandono paterno principalmente.

Muito além da emergência da família, a jornada afetiva do personagem principal com seu pai me provocou traduções de sentimentos com meu próprio pai, que me ajudaram a ver meu próprio drama periférico brasileiro com minha família desestruturada de uma forma que eu pudesse enfrentar a vida adulta de forma mais digna possível, projetando-me para ser um adulto que buscasse

dignidade nas relações com os outros que estão direta ou diretamente sob minha responsabilidade, não só com uma futura paternidade. Atualmente consigo assistir ao filme com um carinho de paz, muito mais apaziguado com meu passado do que da primeira vez que o vi.

O que atravessa o enredo do filme e a minha relação com ele é a responsabilidade pela solidariedade, mesmo em condições adversas de segregação ou de pobreza.

Reconhecer as milhões de famílias não tradicionais do Brasil e do Japão também é reconhecer todo o potencial de solidariedade genuína e horizontal que essas famílias edificaram ao longo dos séculos.

A Inundação da Vila de Totsukawa

Mario Takao Inoue

Os pensamentos foram interrompidos por um estrondo surdo vindo do noroeste da vila. Justamente naquela direção, a uns 500 metros, tinha sido construída uma barragem. Esta não suportou o volume acumulado de água e rompeu-se, inundando a usina e contribuindo para um volume do rio Totsukawa nunca antes visto. Todas as choupanas mais próximas da margem foram as primeiras a serem inundadas e arrastadas rio abaixo. Pedras e árvores não aguentaram a violência do turbilhão, sendo levadas como se fossem palha de junco na água.

A cena dramática dos camponeses assistindo impotentes à destruição de suas choupanas era chocante. Os gritos desesperados de socorro daquelas pessoas, que não tiveram tempo de correr para um local mais seguro, ecoaram por apenas alguns segundos, antes que tudo fosse levado pela correnteza.

— Vamos subir para um local mais elevado!

— Sim, lá no alto mora a família Nambe.

— É certo que eles nos ajudarão, disse Mitsuhiro.

O Shirogoro também descende de *bushido*.

— Vamos, venham que a água está subindo muito rápido!

Não havia tempo suficiente para salvar alguma coisa. As famílias Oka e Tetsuoka subiram o vilarejo levando apenas o que podiam carregar. Como Mitsuhiro predisse, a família Nambe recebeu as duas famílias com carinho.

Procedimento similar foi adotado por outras famílias da vila. Como todos se conheciam, o companheirismo era o que restava para se apegar.

Para Yasukichi, mirar onde antes estavam suas choupanas era muito desolador. A água havia tomado conta de todo o baixo vilarejo. O pouco que possuíam havia desaparecido como num passe de mágica. Mesmo as espadas de seu pai já não mais existiam. Tentava imaginar como ele estaria se sentindo naquele momento. Não fazia ideia, em sua jovem cabeça, que assim tinha sido melhor. Nem imaginava que dali a alguns poucos anos, a figura de um samurai seria apenas uma recordação saudosista.

Os dias que se seguiram até o nível do rio retornar ao normal foram, no mínimo, emocionantes e inesquecíveis. Shirogoro e Mitsuhiro assumiram a liderança para organizar as estratégias de pós-tragédia, principalmente no que concerne à sobrevivência. A alimentação e o cuidado dos feridos e doentes eram os itens mais prementes. A choupana de Nambe tornara-se o quartel-general, onde foram acumuladas as provisões e medicamentos de que se dispunham.

Felizmente, o estoque de arroz e sal era suficiente para algumas semanas. A fonte de vegetais comestíveis tinha que ser procurada, pois as roças da vila se situavam na parte baixa, agora totalmente inundada. Frutas silvestres, todo tipo de castanha ou semente comestível e raízes e tubérculos eram alvos da procura, tanto para a alimentação imediata, como também para prover os próximos plantios nas roças. Algumas galinhas e cabras foram resgatadas, o que supriria um pouco a necessidade de proteína animal. A caça aos animais silvestres foi a alternativa emergencial para o suprimento de carne. Coelho e cervos eram os principais alvos das caçadas.

A distribuição de alimentos tinha que ser muito bem administrada, pois eram as únicas fontes de sobrevivência. Dentre os desabrigados, os agricultores foram os que de imediato assumiram a tarefa de plantar alguma coisa que fosse possível servir para o preparo de comida. A necessidade apontou para a criatividade e curiosidade em se descobrir novas fontes alternativas de alimento. Mesmo algumas raízes de plantas, até então consideradas inócuas, foram experimentadas no preparo das refeições.

A primeira providência foi nomear um grupo de jovens para levar as notícias para Nara. Três rapazes voluntariaram-se para tal tarefa, a ser vencida a pé. Foram adequadamente provisionados para os três dias de viagem, considerando ida e volta. Levavam também espadas curtas e lanças de bambu, para se defenderem de possível abordagem por assaltantes. Felizmente, não houve incidentes preocupantes e retornaram carregados de alimentos, medicamentos e roupas, acondicionados em sacolas distribuídas em dois burros de carga. A chegada deles foi muito comemorada, como verdadeiros heróis.

A eterna criança em mim

Marisa Yoshimi Hirano de Souza

Mogi das Cruzes, 20 de novembro de 2020.

Ainda me lembro como se fosse ontem. Despertando porque o sono acabou, sem relógio, sem alguém chamando, levantando da cama simplesmente porque acordei e o sol estava lá fora me esperando.

Procuro alguém acordado pela casa e vou ao encontro do meu *ditchan* (vovô), sempre sentado na sua cadeira, olhando para o jardim em estilo japonês que ele foi construindo ao longo do tempo, inspirando profundamente o perfume das flores e do verde.

Vejo-me, então, correndo para ver os peixes do lagunho e caminhar entre pedras e gramado, enquanto aguardava minha irmãzinha caçula ou meus priminhos levantarem. Tempo ou minutos depois, olho para o *ditchan* e pergunto: Quer chá? Ele sorri para mim e já é o bastante para eu sair correndo a procura da *batchan* (vovó) para ela fazer o chá. Depois de pronto, lá vou eu toda alegre levar o chá para o *ditchan* e ouvir: “*Gokurousan*” (bom trabalho!). Não sabia o que isso significava na época, mas tinha certeza de que era algo bom, pois vinha acompanhado com um sorriso.

Então me sentava ao lado dele, e ficava pensando sobre o que será que *ditchan* tanto pensava ou olhava, mas por algum motivo eu não o interrompia, só olhava para ele, depois para o jardim, depois para o céu, depois para o jardim, por bastante tempo na época, o que me conhecendo hoje, com certeza esse tempo não seria mais do que eternos três minutos. Então voltava ao jardim e em

seguida voltava a me sentar ao lado dele novamente e a me conectar ao silêncio, ao trocar de olhares, sorrisos e só.

Não sei o que passava pela mente dele, mas na minha, muitas perguntas ou conclusões como: será que algum dia ou quando ficar velhinha vou conseguir ter essa calma do *ditchan* e ficar longo tempo sentada pensando? Ou será que isso é coisa de homem *nibonjin* (japonês)? Por outro, ainda criança, me sentia no dever de cuidar do vovô. Com isso, a cada dia tenho maior convicção de que eu era uma criança velha.

Digo japonês pois a minha mãezinha sempre foi muito alegre e sorridente. E isso é o outro extremo na infância. Cuja memória afetiva é ainda muito presente e alegre essa eterna criança dentro de mim.

As músicas e fábulas japonesas fazem parte de todas as lembranças que tenho da infância:

Dias de sol, caminhando pelas ruas, de mãos dadas com a mamãe, cantando “*otete tsunaide... kutsuganaru*”.

Dias de chuva, buscando-me na escola, feliz da vida de “cavalinho” nas costas da mamãe, debaixo do guarda-chuva, cantando juntas “*ame ame fure fure kaasanga...*”

À noite, sentada na cama dela junto com outras irmãs, líamos fábulas japonesas ou pegávamos o livro de cantigas e passávamos a noite cantando até o sono chegar.

Não poderia deixar de comentar sobre as deliciosas comidinhas da mamãe. Melhor yakissoba e sushis do mundo!

E assim me vejo hoje, talvez pela influência da mamãe e do *ditchan*, uma criança que na infância, por vezes, levava a vida a sério e hoje, adulta, séria ainda, mas carregando a alegria de uma criança feliz.

A grande cama da minha mãe

Monica Masumi Hosaka

Tarde quente de verão. Minha mãe, meus irmãos e eu esparramados em sua cama de casal, cantando alegremente várias canções infantis japonesas, *douyon*, liderados pela sua voz: uma doce lembrança de uma infância feliz.

Pausa para pensar: nossa! Cinco pessoas em uma cama de casal? Será que é isso mesmo? Fui mais fundo nas minhas lembranças... ah... éramos crianças bem pequenas!

Quando meu filho nasceu, essas canções me ajudavam a acalmá-lo quando chorava sem motivo aparente. Então, pegava-o no colo e começava a cantar sem parar até que dormisse como um anjinho e eu, rouca, mas satisfeita com o resultado. Era um momento sublime, ficava olhando profundamente para os seus olhinhos tentando lhe transmitir todo o meu amor e, ao mesmo tempo, sentindo muita gratidão à minha mãe, imaginando que ela tinha feito o mesmo comigo e com os meus irmãos. Para minha filha também cantei, porém com um repertório mais rico, pois havia aprendido novas canções durante o tempo que passei no Japão.

Os japoneses conseguem transcrever em poesias e canções o sentimento, a percepção, o retrato do exato momento experimentado ou talvez, imaginado. Penso na influência do Xintoísmo, religião oficial do Japão, e na cultura de reverenciar os deuses da natureza, como os deuses da Água, do Sol, das Árvores, entre outros... Acredito que o ensinamento budista, que prega viver intensamente o agora e que ressalta a condição da

impermanência, também faça parte dessa cultura. Suposições...

Minha primeira moradia no Japão foi um minúsculo apartamento rodeado de plantações de arroz onde, ao entardecer, tinha início o concerto dos sapos. Ali vivenciei pela primeira vez uma das canções que cantava quando criança – “*kaeru no uta*” – música dos sapos. Incrível como era tudo o que a música dizia nos seus versos.

Nunca tinha visto um corvo. Havia assistido a filmes de terror nos quais os corvos eram seres malignos, e não entendia porque uma das músicas de que eu mais gostava era sobre corvo. Porém, fui me familiarizando com eles e realmente são aves admiráveis.

Preciso registrar outras canções preferidas, a da lua cheia e a do coelho que a observa, a da libélula no pôr do sol, e ainda a da castanha que cai rolando para um brejo. “*Donguri koro koro*” fez muito sentido quando trabalhei em um campo de golfe no topo de uma montanha em Tochigi ken, onde as nuvens às vezes passavam tão baixo que dava a impressão de que, se esticássemos os braços, seria possível tocá-las com as mãos. Durante certa caminhada pelo campo, pude ver a queda de uma castanha rodopiando em uma grande descida, não cheguei a ver se foi para dentro de um brejo que tinha ali, mas lembrei desta canção que conta a saudade de uma castanha que, após brincar com um peixinho *dojou* que a distraiu, pôs-se a chorar com saudades da montanha.

Não conheci o passarinho cuco nem o veado bambi, de outras canções. Será que ainda terei essa oportunidade?

Outra herança que recebi de minha mãe foi o gosto pela leitura, que quis passar aos meus filhos. No Japão, fiz quatro assinaturas mensais de livros infantis quando meu

filho frequentava a creche. Lia todas as noites para ele. No meu retorno ao Brasil, trouxe todos, mais de 200, afinal minha filha já estava no ventre. Crianças crescem e quando a gente menos espera estão maiores do que você. Os livros ficaram esquecidos e empoeirados, então resolvi doar mais da metade para uma amiga que tinha seus filhos pequenos, pois que faria melhor uso. Os preferidos, guardei. Estão reservados para os meus netinhos, que um dia sonho ter.

Apesar de meu pai ser japonês, nascido na província de Yamanashi e ancorado no Brasil com seus 24 anos, foi minha mãe, nissei, quem mais se preocupou com a nossa educação dentro da comunidade japonesa. Cresci acreditando que era uma genuína e o meu sonho era conhecer o país do Sol Nascente, dos meus ancestrais. Na vida passamos por escolhas e, considerando alguns fatores, mesmo com desejo de ir ao Japão como bolsista, decidi trabalhar como decasségui. Eu, que me achava japonesa, logo percebi que estava enganada. Senti no fundo do meu coração que eu era brasileira! Depois de muitos conflitos internos e reflexões, talvez tenha me encontrado como brasileira nikkei portando uma grande mochila, recheada de coisas brasileiras e japonesas que herdei dos meus antepassados, pelos quais tenho profunda gratidão!

Dizem que ser eterno é deixar um legado. Penso no legado que minha mãe deixou e que perpetuará por gerações quando eu estiver cantarolando as canções que com ela aprendi, em uma grande cama, com os netinhos que um dia virão.

Os outros e os estranhos

Naomi Shiroma

Todo mundo tem uma história para contar. Desde o que fez no fim de semana até o que comeu ontem. Mas certa garota nunca tinha nada para contar. “O que você comeu ontem, sushi e sashimi ou yakissoba?” Não tinha o que contar ou não queria? Ela odiava conversar e odiava esse tipo de conversa, que nutria ainda mais a sua raiva. Raiva de seu cabelo liso, mas acima de tudo, tinha raiva de seus olhos puxados. Só queria ser igual a todo mundo.

“Mas você não é todo mundo” é o que uma mãe comum diria, uma mãe como a de todos. Mas nem isso sua mãe falava; sua mãe também não era como todo mundo. Ela dizia que também já tinha passado por tudo isso, que, em sua infância, também aguentava frases como: “Japão tá brava, é?”. Mas na época dela, as pessoas usavam máquina de escrever e mandavam cartas. O mundo mudou, a tecnologia avançou e as pessoas usam computadores e celulares, ninguém mais manda cartas, as coisas evoluíram e o mundo tornou-se globalizado, mais *unido...*, certo? Então por que essa garota ainda tinha que ser referência por seus olhos puxados? Se tanta coisa mudou, por que não isso?

Essa garota também reclamava para sua mãe sobre as outras pessoas. Sua mãe sempre dizia a ela para ter calma e tolerância. “Faça seu melhor”, “não atrapalhe os outros”, “chegue no horário certo”, “respeite os outros”.

Ela refletia sobre isso quando sentia que seus esforços para fazer algo eram inúteis, uma vez que os outros faziam pouco ou nada e recebiam o mesmo que ela, quando os outros marcavam algo e chegavam atrasados,

ou nem apareciam, ou quando os outros furavam fila ou a empurravam. Quando levava biscoito de arroz para a escola, e os outros perguntavam se ela estava comendo papelão, quando levava chá verde, e perguntavam se ela estava bebendo xixi, quando riam dela e do lanche que sua mãe havia preparado. Tudo isso fazia com que ela se irritasse com ela, mas também se irritava com os *outros*. Os *outros* viviam uma realidade totalmente diferente da dela, ou pelo menos, era o que ela achava.

Essa garota cresceu e, por vezes, não tinha raiva de quem era, mas simplesmente porque não pensava sobre questões profundas que envolvessem o *eu* ou sua *identidade*. Até a hora que viver sem uma identidade pareceu inviável e absurdo, e ela se viu obrigada a pensar sobre o *amarelo* que preenchia em campos de identificação em fichas de inscrições aleatórias.

Procurou conforto no lugar que nunca lhe pertencera, ou pelo menos, do qual nunca achou que fazia parte porque não queria: na comunidade nipônica. Começou a ver relatos de outras pessoas que passavam pelo mesmo que ela e também de pessoas que nunca sequer tiveram a raiva que ela teve: pessoas que amam e se orgulham tanto de suas raízes, que as mantêm vivas, pessoas que falam *nibongo*, que têm o sonho ou já foram para o Japão, pessoas que têm preceitos japoneses e que respeitam a cultura japonesa, bem como a cultura dos outros.

E assim, essa garota achou que seu fardo já não era mais tão pesado, que na verdade, nem fardo era. O que ela chamava de fardo era simplesmente parte de sua história. Lembrou-se, de repente, do diálogo que Coraline tivera com o gato, na obra de Neil Gaiman, em que Coraline questiona: “Como é possível afastar-se de alguma coisa e ainda assim retornar a ela?”, ao passo que o gato responde:

“Pense em alguém dando a volta ao mundo. Você começa afastando-se de alguma coisa e termina voltando a ela”, ao passo que Coraline constata que se as coisas são assim, então o mundo é pequeno.

Mas a garota desta história não é Coraline, é uma pessoa muito mais comum, que anda de metrô e ônibus, estuda, dorme e come, *como todo mundo*. É uma garota que descobriu que seus problemas não são exclusivos e que às vezes, nem é preciso dar a volta ao mundo para voltar ao lugar em que se deveria estar. Às vezes, as pessoas são esse lugar. Dentro de sua própria casa, a garota encontrou um exemplo disso: sua própria mãe, que em suas falas e gestos, refletia aquela cultura que parecia tão distante, de que aprendera a gostar e que sempre estivera tão perto. Sabendo disso, hoje essa garota se arrepende de ter fugido por tanto tempo de uma parte sua, mas entende que tudo acontece no seu tempo.

Hoje, essa garota se vê e se sente inspirada por aqueles que, um dia, foram tão estranhos quanto ela. Hoje, essa garota até escreve sobre tudo isso.

O trem e a estatueta

Newton Itokazu

Aproveitando a reabertura, um breve alívio para uma verdadeira amante da vida em meio a tempos turbulentos. Aproveitei para sair após sete meses. Era hora de visitar lugares que povoaram meus pensamentos na quarentena.

Saí sem rumo, olhar atento a procurar a fotografia ideal, como uma cena que foi vista durante esses últimos meses. A velocidade do carro era relativa e quando percebi, estava na frente da velha casa da família, onde passei toda minha infância. Era a casa da *batchan* e onde minha tia mais velha continuou a morar.

Parei à porta, estática. Lembranças vieram em flash e não eram apenas os sete meses que me separavam daquela casa, era uma quarentena de vinte anos. Desde que ingressei na escola de artes e na vida adulta, não havia retornado àquela casa.

O *furin* bimbalkhou e a brisa acariciou minha face, a porta se abriu e minha tia sorridente me recebeu apenas com um largo sorriso no olhar... Entrei e exclamei: *tadaima!*

Pensei haver cometido uma gafe, afinal esse é um termo para retornar ao próprio lar. Minha tia ficou reluzente e disse: *okaerinassai!* – bem-vinda ao nosso lar.

Então nos direcionamos à sala de estar onde havia uma grande estante feita pelo *jitchan*, artesão de mão cheia que deixou o Japão para ajudar a família. Nunca havia reparado em tantos objetos, pois durante minha infância e pré-adolescência só tinha olhos para um trenzinho feito à mão pelo *jitchan*. Sempre me atraiu a história contada pelo

jitchan sobre a a rainha e as princesas trazidas pelo trenzinho. Sempre acreditei que fosse uma lenda como Kaguyahime ou Momotaro, mas no Google descobri que era apenas uma historinha do *jitchan*.

Minha tia ofereceu chá e notei as xícaras que a *batchan* usava para as visitas especiais, senti-me acalentada. Suspirei e pensei em como ações e gestos sutis traduziam sentimentos tão profundos!

Então minha tia perguntou: O que tanto olha no trenzinho? Desde pequena, você olhava tanto, né. O que tem de especial?

Contei a história da rainha do trem e suas princesas, e minha tia riu discretamente. Ah! O *jitchan* o esculpiu para presentear a *batchan* ao conhecê-la e ao casar por *miai*, casamento arranjado. Uau!, exclamei. Tudo fez sentido, o grande carinho que *jitchan* tinha pela sua “rainha”, sua mamãe, e as tias eram as “princesas”.

Mamãe sempre contava que nessa viagem a *batchan* perdeu vários registros e documentos, mas nunca havia relacionado essa história ao do trenzinho. Outra memória de mamãe era que, quando de colo, sempre estava com o *jitchan* e toda vez que sentia cheiro de madeira, lembrava-se dele.

Prosegui com minha observação naquela fabulosa estante e uma escultura me atraiu. Era uma estatueta de grou, *tsuru*. Minha tia pegou a estatueta e me deu. Fiquei confusa, pois nem havia falado nada. Novamente, o gesto e a nossa conexão eram o suficiente.

Então minha tia disse: Essa estatueta foi esculpida quando a *batchan* ficou doente, e sua mãe, ainda bebê de colo, ficava nas costas do *jitchan* a maior parte do tempo. Ele plantava, esculpia, nos orientava, foi muito paciente, até que, como em uma grande dádiva, a *batchan* sarou. E

esse *tsuru* tornou-se muito especial para toda a família... Foi esculpida pelo *jitchan* com sua mãe no *obi*.

Agora passava a entender como o amor entre um casal arranjado poderia ser duradouro e respeitoso, e como o amor tinha uma grande força para construir uma família e frutificar.

Durante esse momento muitas reflexões passaram a fazer mais sentido, parar, respirar, estar centrado e sentir os momentos. Não foram os vinte anos, foram minutos intensamente vividos. Cada xícara de chá, cada lasca de madeira, casa suor, cada lágrima, persistência, paciência, dedicação e amor. Tudo se misturava naquela casa e, principalmente, na estante.

Começou a ficar tarde e me despedi de tia: *Ittemairimassu!* Dessa vez consciente, com a certeza de que retornaria. O sorriso se abriu e nos despedimos. Agora com abraço caloroso! Sem cerimônia, talvez fosse a brasilidade a florada ou simplesmente a vontade de querer estar.

Deixei a casa de tia e, a caminho de casa, pensei que o trem (da vida) de Drummond havia parado e vários registros perdidos, enquanto, a estatueta estática ganhou movimento e vida. Como aquele trenzinho me trouxe a rainha e a vida, e o escultor entalhou sonhos em realidade.

***Gochisō sama* e Ferreira Gullar**

Oscar Nakasato

Juntar as mãos, abaixar levemente a cabeça e dizer *gochisō sama* após as refeições. Aprendi quando era criança, lá no sítio onde morávamos. Não me lembro se foi o meu pai ou a minha mãe quem me ensinou, mas após algum tempo fui percebendo que todos faziam isso: os meus irmãos mais velhos, os meus primos, os meus tios. Fui aprendendo o seu significado aos poucos, e a aprendizagem durou anos. Primeiro, soube que significava *obrigado pela comida*. Era pouco exigente quando era criança, e saber isso me bastava, pois já havia aprendido que era importante dizer *obrigado* para tudo. Minha mãe nos dizia: É muito feio não agradecer. *Obrigado* era a palavra que mais saía das nossas bocas. Após algum tempo, questionei: a quem eu agradecia? A Deus, respondeu meu pai. Era justo, pois Deus era responsável por tudo, inclusive pela comida na mesa. Por isso, não dizer *gochisō sama* era uma falta muito grande. Meus irmãos e eu, às vezes, saíamos da mesa sem dizer *gochisō sama* porque tínhamos pressa para brincar, mas logo nosso pai ou nossa mãe nos obrigava a retornar para cumprir o ritual.

Muito mais tarde, quando já morávamos em Maringá e praticamente tudo o que comíamos vinha do supermercado, do açougue ou da feira, li em algum lugar que *gochisō sama* era um agradecimento a todos que trabalharam para que a comida chegasse à mesa. Primeiro, os agricultores que semearam e colheram o trigo e o milho, o pepino e o tomate. Também os pescadores, os granjeiros e os pecuaristas. Depois, os que moeram o trigo, os que beneficiaram o arroz, os que assaram o pão, os que

dispuseram as mercadorias nas prateleiras do supermercado e os feirantes. Finalmente, a mãe e as irmãs, porque eram as mulheres que cozinhavam. Quanta gente! E era justo incluir no *gochisō sama* cada um que fazia parte dessa extensa cadeia produtiva, embora, na maioria das vezes, não nos lembrássemos disso quando juntávamos as mãos e dizíamos *gochisō sama*, já que o ritual se tornara mecânico.

Mas a internalização do significado do ritual tem uma repercussão silenciosa e ao mesmo tempo contundente. Por isso o *obrigado* que dizia aos atendentes das padarias e dos açougues, ao caixa do supermercado e ao garçom do restaurante era cheio de significado e redondo como o “o” do início e do final da palavra. E eu também associava a resistência de meus pais ao desperdício de alimentos à valorização do trabalho daqueles que os produziam. Eles próprios talvez nunca tenham se dado conta disso, pois há relações que escapam à racionalização. O que diziam era: É pecado desperdiçar comida.

Então o que sobrava do almoço era sempre parte do jantar, e se torravam as sementes de abóbora, se fritavam as espinhas das sardinhas, se cozinhavam os talos dos legumes.

Mais alguns anos, e eu descobriria com Ferreira Gullar que a gratidão não basta. Num poema sobre o açúcar que adoça o seu café de morador de Ipanema, ele diz que vem do trabalho de homens que plantaram e colheram a cana e que moram em “lugares distantes, onde não há hospital nem escola, homens que não sabem ler e morrem de fome aos 27 anos.” Depois outros se somaram a Ferreira Gullar para me ensinar o lugar que ocupo no emaranhado social e a responsabilidade sobre quem ocupa outros lugares. Como posso comer o chocolate que custou o trabalho escravo numa plantação de cacau?

Hoje – agora! – penso na gratidão ensinada por meus pais e na empatia sugerida por Ferreira Gullar. Não digo do “obrigado” mecânico ou da solidariedade estéril. Ir além deles é um exercício cotidiano. E é árduo!

Gratidão por tanto, *bachan*

Patricia Takehana

Era uma criança no auge dos seus dois ou três anos sentada no gramado de um jardim. Em suas mãos, um vaso com um delicado botão de flor que ela segurava como se fosse um brinquedo e olhava daquela forma serena que os pequenos têm de ver o mundo, sem saber exatamente o que aquilo significa e como se mais nada estivesse acontecendo ao seu redor. Eu via essa imagem em uma fotografia antiga que encontrei em um álbum guardado em um dos armários da casa da minha avó, no interior de São Paulo. Aquela criança na foto era eu, mais de trinta anos atrás.

Revirar os armários daquela casa é sempre uma viagem no tempo. Os avós têm essa mania de guardar coisas que perdem sua utilidade com o passar dos anos e fotos que provavelmente nem sabem de onde vieram. Talvez seja um hábito adquirido dos tempos difíceis que aqueles que migraram do Japão para o Brasil passaram. Lembro da *bachan* contar que começou a trabalhar ainda criança e como era duro o dia a dia nas fazendas de algodão. Longas horas de colheita, faça chuva ou sol, para garantir que toda a família tivesse um prato de comida no fim do dia.

Eu ouvia tudo como mais uma história amarga da *bachan*, reclamações de uma vida cheia de rancor. E lá ficava ela remoendo suas mágoas até alguém perguntar dos cachorros ou dos netos para que ela mudasse de assunto e voltasse a falar com um semblante menos pesado. E quando a gente perguntava do Japão? "Eu nasci lá, mas eu

sou brasileira", dizia ela com nenhum orgulho ao falar do seu país natal.

Tive a oportunidade de ir ao Japão algumas vezes. Cada uma delas foi especial de uma forma diferente e foram contribuindo pouco a pouco para que algumas coisas comesçassem a fazer sentido para mim. Conhecer a migração dos japoneses para as Américas foi algo que me marcou bastante.

Deixar seu país natal e atravessar meio mundo para desbravar um local desconhecido, com cultura, costumes e língua completamente diferentes foi um ato de enorme coragem. Uma história de superação com muitas dificuldades enfrentadas para hoje termos uma comunidade nikkei reconhecida por sua integridade e que conquistou o respeito dos brasileiros. Ouvir os próprios japoneses contando isso com orgulho foi ver uma história que eu já conhecia por um novo ponto de vista. Se eu já admirava esse povo antes, esse sentimento só cresceu.

Essa viagem foi um verdadeiro resgate às minhas origens quando entendi que toda essa história que os japoneses estavam me contando era a história de vida da minha *bachan*. Ao conhecer partes da história que ela nunca falou, as reclamações passaram a fazer mais sentido e pude compreender o fardo que ela carregou por toda uma vida. O trabalho duro dela e de toda família possibilitaram que a geração da minha mãe tivesse uma condição de vida mais confortável. E conseqüentemente, eu mais ainda.

A história dos imigrantes é a história da minha *bachan*. E a história dela faz parte de mim. Moramos mais de 600 km uma da outra e, apesar da convivência sempre distante, agradeço por ela ter enfrentado todas essas situações das quais tanto reclama. Eu sou quem sou porque os meus antepassados possibilitaram que eu estivesse aqui hoje.

Ela está ali sentada na mesa de jantar, esperando seu prato de comida chegar. Já vive em um mundo particular que a gente não mais compreende. Enquanto isso, eu tenho em minhas mãos o álbum com minha foto de criança. O meu eu de hoje olha para o meu eu do passado segurando aquele botão de flor que em breve vai abrir. Aquela criança carrega uma história da qual não faz a menor ideia, mas eu sei que, juntas, nós floresceremos porque nós duas honramos o legado que nos foi deixado pela *bachan*.

Carro Vermelho

Philippe Yoshio Tomaz Yoshizane

Foi em abril, 23 anos atrás, que eu pisei no país do Sol Nascente. Meus pais foram trabalhar e eu fui estudar na escola do bairro. Lembro que sabia falar apenas três frases. *Arigato, sayonara e nibongo mada mada.*

No primeiro dia de aula, meu pai me levou. Fiquei na frente de todos os colegas e fui apresentado pelo meu professor, que escrevia vários rabiscos no quadro. Acreditava que era o meu nome, pelo menos foi o que interpretei depois dele apontar e pronunciar, sílaba por sílaba: YO-SHI-ZA-NE

Na escola eu era o diferente, mesmo com aquela mochila preta nas costas e aquele chapéu amarelo que todos usavam, eu ainda era o diferente. Eu era o *burajirujin*.

Dois anos depois, passei a entender muito mais que as três frases iniciais. Conversava com um, conversava com outros, e fiz vários amigos. Esse ambiente já estava começando a ficar divertido, até que, um dia, recebi de um professor uma reguada na mão, dando início a um novo ciclo...

Em uma tardezinha de sol, no retorno para a casa com minha mochila preta e meu chapéu amarelo, observo que tinha um carro na garagem. Ele era grande, ele era vermelho, ele era diferente.

Minha mãe me contou que eu não precisava mais ir para escola japonesa e que agora eu me mudaria para uma escola brasileira no Japão. Que surpresa! Nova escola! Novo lugar! Novos amigos...

O carro vermelho me levava lá, uma hora e meia para ir, uma hora e meia para voltar. Fazia sol, fazia chuva e ele sempre me levava lá.

Na nova escola, os carros iam e deixavam seus filhos, os ônibus chegavam e deixavam os alunos, mas o meu carro vermelho ficava lá. Ficava lá de manhã e de tarde, tudo para que, um dia, ao país do carnaval eu retornasse preparado.

Mais dois anos se passaram e o carro vermelho continuava a me levar. Uma hora e meia para ir, uma hora e meia para voltar. Dessa vez ele já estava mais cheio. Carregando pessoas, sentimentos e muitas histórias para contar.

O dia chegou, hora de arrumar tudo para voltarmos. Malas prontas, casa limpa e roupas trocadas. Mas e o carro vermelho? Procuramos um lugar para ele ficar. Mas ele já estava velho e cansado. Ninguém mais queria ficar com ele. Suas memórias eram ricas, suas memórias eram as minhas memórias e isso ninguém poderia tirar.

Pouco antes de partirmos, a escola brasileira nos ligou, dizendo que queriam ficar com o carro vermelho. Ele me levou, ele me carregou, ele me ajudou... E agora a novas pessoas ele iria ajudar em seus caminhos.

Arigato, carro vermelho, por ter me dado ótimas memórias. Foram idas e vindas das quais vou lembrar. Foram horas na porta da escola me esperando. Valeu a pena, muito a pena, hoje eu sou o que sou graças a você também. *Okagesamade*.

Mãe

Rosa Matsushita

A minha mãe era uma mãe japonesa. Quem tem uma dessas sabe do que eu falo.

A honestidade era o ponto principal da nossa educação. Depois vinha o resto. E a lista era gigante! Mas, em muitos momentos, a minha mãe também era uma mãe igual a de todo mundo.

Aos seis anos eu ouvia: se não estudar, a fulana de tal vai tirar nota mais alta do que a sua. E eu, que não era tão inteligente como todos achavam que eu fosse (por ser japonesa), tinha que estudar muiiiito pra conseguir ter notas excelentes como era o esperado.

Aos dez anos apanhei pela primeira vez. Saí para brincar e não cheguei na hora marcada. Aos 12, apanhei pela segunda e última vez. Saí para brincar e não cheguei na hora marcada. Demorei, mas aprendi!

Aos 12 anos, muito ariana, me tranquei no quarto porque queria ir em um bailinho e a minha mãe não deixou. Resultado: ela deixou, mas, lógico, com um sermão do tamanho do universo antes de eu sair. Depois disso, pude ir em todos os bailinhos que eram feitos pelos amigos da rua, desde que eu me comportasse. E me comportei! Afinal, não era muito legal se eu engravidasse e tivesse que largar a escola e trabalhar pra sustentar um bebê.

Aos 17 anos, formada no Colegial, ela me deixou trabalhar. Aos 19 entrei na faculdade de Jornalismo em Mogi das Cruzes. Meu irmão queria que eu me formasse em Odontologia ou Medicina, mas a minha mãe disse que eu estudaria o que eu QUI-SES-SE!

Aos 23 me formei. Realizei o sonho da minha mãe imigrante de ter uma filha com diploma universitário. E aqui começa realmente a história que quero contar.

Minha mãe, Chiyoko Matsushita, não foi uma mulher perfeita. Tinha dezenas de defeitos, mas foi um exemplo de vida pra muita gente!

No Japão, ela era rica. Foi professora, carateca, pianista, massagista, entre tantas outras coisas. E veio a Segunda Guerra Mundial. Enquanto ela corria para um abrigo ao lado de um amigo, uma bomba explodiu bem perto deles. O amigo caiu morto e ela continuou correndo. Ao chegar ao abrigo, coberta de sangue, descobriu que não tinha nenhum ferimento. Levou para sempre a imagem do próprio corpo coberto pelo sangue do amigo.

Imigrante, veio para o Brasil com o marido, um filho e três filhas. No Paraná teve um filho, que faleceu dois dias depois do nascimento. Anos depois, nasci eu, em Mombuca/Guatapará, pertinho de Ribeirão Preto.

No Paraná, a mulher que era pianista no Japão teve que colher algodão, cortando os dedos delicados nos espinhos.

Em Ribeirão Preto era dona de uma pensão para homens e se tornou parteira. Segundo ela, colocou 130 crianças no mundo, incluindo eu! Sim, ela foi a minha parteira! Ajudada por uma vizinha, que cortou o meu umbigo, e pelos pensionistas, que seguiram as instruções dela, eu vim para esse mundo.

Em São Paulo, ela abriu uma tinturaria com o meu irmão e lavava roupa comigo nas costas.

Quando eu fiz quatro anos, meu pai se foi, levado por um câncer... e minha mãe virou *pãe*.

Até a minha formatura tanta coisa aconteceu. Descobri que minha mãe, que contava moedinhas para

pagar as contas, andava quilômetros para poder economizar o dinheiro do ônibus. Ela ia trabalhar e chegava em casa muito cansada. Eu, do alto dos meus dez anos, só pensava em brincar... e cheguei atrasada. Foi quando apanhei a primeira vez, mas não compreendi na época. Quando eu fazia faculdade, chegava depois da meia-noite em casa. Na cozinha, sobre a mesa, eu encontrava diversos legumes cortados, um pacote de lamen e a panela com água. Era o meu jantar. Na época, eu não valorizei.

Com o passar dos anos, pude perceber o significado de cada atitude da minha mãe. Ela era a pessoa que mais se preocupava comigo e queria que eu me tornasse um ser humano incrível.

Sempre que me recordo e volto lá atrás, me lembro de cada gesto dela. Nesses momentos, o meu coração se enche e se completa, porque eu tive, com muito orgulho, uma mãe japonesa.

Udon e Cuscuz com ovos

Simone Yuriko Kameo

Como em tantas outras madrugadas, acordo com um chorinho vindo da babá eletrônica. Era Sayuri, primeira bebê da casa, seis meses de idade, com fome, fome de leite da mamãe Simone.

Quatro anos depois, relembro um novo chorinho da mesma babá eletrônica, mas de outra mesticinha, Ana Yumi, minha *musumetyan*, com a mesma fome.

Mal sabia que dez meses depois, a mesma babá eletrônica ouviria Jairo Kenji, meu filho do meio que veio depois, por meio da adoção. Dois anos de gestação invisível, sem saber quando chegaria o dia.

Mamãe! Mamãe! Mamãe! Jairinho acordou! Até que um de nós (mamãe e papai) apareça para ouvir suas reivindicações. Jairinho, são quatro e meia da manhã, vá dormir! *Oyasuminasai*.

Yumi se levanta e se junta à Jairinho dizendo TA TU TE TO TU TO TA, e começa a brincadeira. Já estava na hora de preparar cuscuz com ovos, afinal, moramos em Aracaju-Sergipe, sem esquecer do tradicional *Gohan* com *Sboyu*.

Mamãe! Mamãe! Sasa “côdo”! Tá coçando! Era a alergia. Alergia severa. Herança preocupante para a família. Yumi e Jairinho escaparam e eram vigilantes.

Ir ao supermercado com os três *kodomo* era desafiador. Cada um queria andar em direções diferentes. Trabalhar com oncologia era mais fácil... Apesar do cansaço, não tinha lugar para tristeza em casa, a não ser quando havia brigas, briga por comida, por brinquedo, por espaço, normal entre irmãos saudáveis.

Quanta saudade! Hoje, Sayuri (14), Yumi e Kenji (10) estão deixando a infância. A comida preferida é o *udon*, Kenji faz *nibongakko online*, as meninas, inglês *online*. Kenji, meu filho negro, é o que mais se interessa pela cultura japonesa. Adora dançar *bondori*. Quer trabalhar no exército japonês. Um sonho possível.

Hanami Matsuri

Sonia Regina Rocha Rodrigues

Mudei há pouco para esse país, onde há quatro estações.

Quando cheguei, as árvores estavam nuas, e em seus galhos secos gotejava a neve em seu degelo.

Minha rotina diária incluía atravessar um parque, debaixo de um céu cinzento. Lá ia eu, caminhando por uma longa alameda onde havia uma espécie de árvore que eu não conhecia. Alguém me disse que eram cerejeiras, e que havia até uma festa na época em que floriam.

À medida que os dias ficavam mais longos, comecei a prestar atenção aos primeiros sinais da primavera. Um dia, vi os primeiros botões aparecerem nas árvores. No outro dia, havia mais, e no outro, esses brotos estavam maiores.

No parque todo, pequeninas flores espocavam aqui e ali, até no meio da grama.

Finalmente, chegou o dia em que vi a primeira flor de cerejeira. Pequena, delicada, tão frágil. Em poucas horas estavam todas floridas, todas as árvores, era uma verdadeira sinfonia de beleza.

A melhor hora do dia era o momento em que eu atravessava o parque, com o coração encantado, cheia de gratidão pelas pequenas e encantadoras flores.

Não apenas eu, mas os vizinhos também; saem de casa e vêm sentar-se no jardim, só para olhar. Gente de todas as idades. Famílias inteiras vêm olhar as flores das cerejeiras. Um espetáculo breve. Como nossas vidas.

Como contar uma história

Thais Kato

Nada é muito certo nessa história. Não sabemos a data exata. Não sabemos o destino da personagem. Não sabemos os locais por onde passou, muito menos o que ela teria feito. Então, pode-se dizer que é uma história? Talvez, uma história com começo e fim, em que o conteúdo seja dispensável.

Como você, leitor, se sente ao saber de uma narrativa com apenas o “era uma vez” e, sem mais nem menos, “fim”? A gente aprende que muitas coisas na nossa vida pouco têm importância.

Qual a sua idade? Para onde você vai? O que você está fazendo? Com quem está? Como foi que aconteceu? Quantos quilômetros percorreu? Um vazio. Um imenso vazio que foi preenchido por vidas e vidas de uma família que comemorou 100 anos de Brasil.

A gente se dá conta de que não é preciso saber dos pormenores da família okinawana Itokazu, que desembarcou em 1917 no porto de Santos, para entender sua grandiosidade. Basta olhar para a vida sólida do Newton Itokazu, a quarta geração de sua família nascida no Brasil. Um professor, casado, de 46 anos, que se dedica a passar para frente a importância da história da Humanidade.

Esta personagem – que escolheu ser coadjuvante para que sua família protagonizasse – é Kame, esposa de Shintoku. Talvez tenha sido entre 1925 e 1930, que Kame deixou o conforto do lar com duas crianças debaixo do braço: Ume, filha de colo, e Kamasuke, adolescente. Por

um ano a fio, esteve fora em busca de recursos que livrassem a família de dívidas vistas como intransponíveis.

O que fez neste período nunca foi, ou um mistério, ou um segredo, ou algo indizível. Apenas escolheu – corajosamente – abafar sua voz a ponto de apenas pedaços de sua narrativa chegarem quase como um sussurro aos anos 2010. Porque naquilo que se perdeu foi o que levou a família Itokazu a cumprir com as dívidas e, anos depois, arrendarem um sitiozinho.

Porque naquilo que não se contou é que reside a fortuna e boa sorte de seus descendentes. Porque naquilo que não se viu é que existe a sabedoria de uma mulher japonesa: cuidar de tudo para que sua família – seu maior tesouro – brilhe.

A dor do aprendizado

Thoshio Katsurayama

Quando o ano escolar chegou ao seu término, aguardei ansiosamente pelo retorno do meu irmão mais velho. Ele se mudara no começo do ano para Osvaldo Cruz, indo para a casa dos meus tios para poder cursar a quarta série. No sítio onde morávamos só havia uma escola mista na fazenda vizinha, que atendia até o terceiro ano. Nas férias escolares poderíamos retomar às nossas atividades lúdicas arriscadas. Meu irmão sempre fora hábil e criativo. Principalmente para os malfeitos.

Com a mudança dele para a cidade, eu, como irmão mais novo, fiquei meio perdido sem o meu mentor e herói. Estando só tive que enfrentar os meus próprios problemas de “*bullying*” na escolinha. Todo dia era um embate sofrido. Voltava invariavelmente com a roupa suja de sangue e vez por outra, com o olho roxo. Aquilo estava se tornando um tormento para mim e para minha mãe. Só fui superar esse problema quando meu pai me matriculou na cidade, no meio do ano, e assim saí das garras daqueles pivetes.

Certo dia, sem que fosse previsto, o meu irmão voltou para casa. Fiquei alegre e ao mesmo tempo curioso. O que o levava a regressar assim de repente? Perguntei ao mano velho, mas ele se negou a responder, tergiversando e murmurando algumas palavras ininteligíveis. Percebi de imediato que boa coisa não era. Isso aguçou ainda mais a minha curiosidade. Continuei a aborrecê-lo com uma saraivada de questões. Por fim, acabamos discutindo e brigando aos tapas. A nossa mãe teve que intervir.

À noite, apareceu o meu avô materno para se reunir com os meus pais. Fora chamado pela minha mãe e

ele veio para ouvir os detalhes do acontecido e os aconselhar quanto à punição que deveria ser aplicada. Pelo que ouvi atrás da porta – porque eles se reuniram a quatro chaves no quarto do casal – o crime dele tinha sido o furto de alguns trocados na casa do meu tio na cidade.

Furto? Como é que o meu herói cometeu tal deslize?

Não me conformei e fui confrontá-lo. Ele me respondeu, num fio de voz, que não resistira à tentação e pegara escondido alguns trocados para comprar figurinhas. Em verdade eram balas embrulhadas que continham figurinhas de jogadores de futebol. Aquilo virara uma febre entre os meninos. Todos tinham essas estampas e faziam trocas entre si. Jogavam o “*vafó*” e se divertiam. Não pudera se conter e cometera a infração. Agora estava arrependido e chateado por ter quebrado a confiança dos seus tios. Mais ainda por ter me decepcionado.

No dia seguinte o corretivo foi aplicado pelos meus pais. Eu fiquei olhando pela fresta da janela e me arrepiei todo. Havia colocado um pedaço de “*senkeo*” aceso no dorso da mão do meu irmão e observavam angustiados a reação do menino. Ele estava suando, mas se manteve dignamente quieto, trincando os dentes, até a brasa se extinguir. Ao final daquele ato bárbaro e brutal, minha mãe abraçou meu irmão e, aos prantos, pediu para que ele nunca mais fizesse coisa igual. Meu pai também se emocionou, porque era uma pessoa amável e detestava o uso da violência. Eles explicaram ao meu irmão que o ato dele envergonhara a família toda e que eles não tinham como encarar a família do meu tio e se desculpar.

Naquele momento, o meu irmão mostrou todo o seu caráter e personalidade quando se prostrou diante dos meus pais – mesmo com a queimadura incomodando muito – e pediu perdão, prometendo que nunca mais faria

tal coisa novamente. Disse mais. Gostaria de voltar à casa dos meus tios e, pessoalmente, desculpar-se pelo seu ato impensado. E foi o que ele fez. Foi perdoado. Nunca mais ouvi qualquer queixa dele e ele se tornou um cidadão exemplar, um excelente pai de família e um profissional altamente conceituado.

Aquele foi um episódio muito marcante para mim. Pude constatar quão importante eram os conceitos de honestidade e integridade para os meus pais. Como viviam numa coletividade quase fechada de imigrantes japoneses, o estigma desse pequeno furto poderia comprometer toda a honra da família, caso fosse revelado. Embora doloroso aquele acontecimento marcou a transformação de um menino em um adulto responsável.

Eu, como todo bom malandro, colhi os frutos do aprendizado sem expor a minha pele à fritura. Sorte minha.

Gratidão

Yutaka Isoda

Na minha casa tem um *BUTSUDAN*, miniatura de templo budista. Dentro, tem um altar no fundo e, diante dele, *OIHAI*S, plaquetas de madeira que simbolizam a família e seus falecidos. As plaquetas da família meus pais trouxeram do Japão, quando viemos para o Brasil como imigrantes, em 1958.

A parte da frente do *Butsudan* é reservada para: vasinho de flor; mesinha para colocar água e comida; outras oferendas; castiçal com vela; “apagadorzinho” de vela; potinho com cinza para incenso; sininho de bater, de metal em formato de pote sobre almofadinha; e madeirinha para bater o sininho. Tudo minúsculo.

Quando criança, era comum ver visitas chegando com oferendas para o *Butsudan*. Doces, na maioria das vezes. Eu ficava esperando chegar a hora de comer.

A oferenda ia primeiro para o *Butsudan*. Colocava-a, rezava-se, e a deixava por um tempo. Quando a visita comia junto, rezava, retirava e a colocava à mesa.

Tudo sem as crianças, porque crianças não podiam ficar na sala. Só podiam comer depois que a visita fosse embora.

Os tempos mudaram.

Meus pais são falecidos.

A responsabilidade de cuidar do *Butsudan* da família passou a ser minha. Sou o filho mais velho, tenho irmã mais velha, mas o dever dela é cuidar do *Butsudan* da família do marido.

Assim pensa minha irmã, e por isso cobra de mim. Não penso assim, mas comecei a cuidar do *Butsudan*. Não cuidei dele como deveria, mas expresso a minha gratidão, diariamente.

Talvez continue não cuidando bem, mas uma coisa nova vou começar: agradecer em dobro.

Quando criança, não tinha noção de o que significava *BUTSUDAN*, *OIHAI* e *OSONAE*.

Vou continuar expressando minha gratidão, como venho fazendo e, a partir de agora, agradecer também pelos doces que comi quando criança.

Gratidão também para com o Projeto Vozes Nikkeis, o workshop me despertou para esse agradecimento em dobro.

Uma coisa triste: visitas com doces na mão cessaram.

Talvez você tenha percebido que algumas palavras foram grafadas de maneiras distintas ao longo do livro. Por exemplo, a palavra em japonês para avó: bachan, batian, batchan, baatian. Decidiu-se manter essas diversas formas como um símbolo da pluralidade de vozes desta obra que, mesmo apresentando tons distintos, converge em uma só voz. Obrigado(a)!

Agnes Nagashima
Alessandra Koga
Aline Y. D. Kubo
Ana Paula Gushken
André Kondo
Andréa Goto
Antonio Tadachi
Cristiano Yuji Sasada Sato
Cristina Sato
Danielle Nomura
Douglas Hiro Kaizuka
Fernanda Gushken
Fernando Matsumoto
Gabriel Yuji Nakashima
Henrique Yagui Takahashi
Hudson Okada
Igor Aoki
Ivan Nisida
Júlia Otsuka
Larissa Lumi Mada
Larissa Midory Sakamoto
Leandro Silva
Mario Takao Inoue
Marisa Yoshimi Hirano de Souza
Monica Masumi Hosaka
Naomi Shiroma
Newton Itokazu
Oscar Nakasato
Patrícia Takehana
Philipe Yoshio Tomaz Yoshizane
Rosa Matsushita
Simone Yuriko Kameo
Sonia Regina Rocha Rodrigues
Tério Uehara
Thais Kato
Thoshio Katsurayama
Yutaka Isoda

Biografia geral, palavra única:
Nikkei.

“Juntar as mãos, abaixar levemente a cabeça e dizer *gochisō sama* após as refeições. Aprendi quando era criança, lá no sítio onde morávamos. Não me lembro se foi o meu pai ou a minha mãe quem me ensinou, mas após algum tempo fui percebendo que todos faziam isso: os meus irmãos mais velhos, os meus primos, os meus tios. Fui aprendendo o seu significado aos poucos, e a aprendizagem durou anos. Primeiro, soube que significava *obrigado pela comida*. Era pouco exigente quando era criança, e saber isso me bastava, pois já havia aprendido que era importante dizer obrigado para tudo”.

Oscar Nakasato, página 83.

Apoio



Consulado Geral do Japão
em São Paulo

Realização



Associação Brasileira de Ex-Bolsistas
Gaimusho Kenshusei

